U.PORTO

MESTRADO EM PSICOLOGIA

PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAUDE

Ciclo do Amor: Como o Perdão Impulsiona a Perceção da Satisfação nas Relações Amorosas

Tatiana Borges Fontela

M

2023

Universidade do Porto
Faculdade de psicologia e Ciências de Educação

CICLO DO AMOR: COMO O PERDÃO IMPULSIONA A PERCEÇÃO DA SATISFAÇÃO CONJUGAL NAS RELAÇÕES AMOROSAS

Tatiana Borges Fontela

Outubro, 2023

Dissertação apresentada no mestrado em Psicologia, na área clínica e da saúde, Faculdade de psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora ***Cidália Duarte*** (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

Esta tese, intitulada “Ciclo do Amor: Como o Perdão Impulsiona a Perceção da Satisfação nas relações amorosas”, retrata o ponto de vista, as interpretações e o trabalho da autora no momento da sua concessão. Desse modo, esta dissertação pode incluir imprecisões conceptuais, assim como erros metodológicos, os mesmos podem ter sido testemunhados posteriormente à sua entrega. O conteúdo desta dissertação esta protegido por direitos autorais e deve por isso ser utilizado com precaução.

Os resultados foram obtidos de forma confidencial, com o consentimento informado de todos os participantes, seguindo rigorosamente todas as diretrizes éticas.
A autora declara que as opiniões e conclusões apresentadas nesta dissertação são da sua autoria e todas as fontes utilizadas nesta tese estão devidamente citadas e referenciadas de acordo com as normas de APA7. Qualquer uso de material de terceiros segue as diretrizes éticas e legais de citação.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha orientadora, Professora Cidália Duarte, por me ter guiado nesta viagem e por me ter ajudado a concretizar este projeto.

Para o meu pai, mãe e irmão. Obrigada por me terem construído asas muito fortes para que eu pudesse voar. Um obrigada especial ao apoio inabalável e pelo amor incondicional durante estes 5 anos. Sem as vossas palavras de encorajamento, sem a vossa força, paciência e compreensão esta conquista não teria sido possível. Agora vou voar alto, como sempre sonhámos, mas prometo-vos que voltarei sempre ao meu ninho. Graças a vocês, tenho a visão para alcançar os meus sonhos e a coragem para ultrapassar os desafios que se atravessam no meu caminho. Obrigada por me tornarem forte.

À minha família, obrigada por verem sempre a minha melhor versão, estou muito grata pelo encorajamento que me deram. Um agradecimento especial aos meus primos, algumas pessoas acham estranho o facto de os meus primos serem os meus melhores amigos, mas eu não acho. Na verdade, acho fantástico sermos parentes e melhores amigos. Faremos sempre parte da vida uns dos outros. Ter os meus melhores amigos como primos é a melhor coisa que eu poderia desejar.

Aos amigos que conheci no Porto, que se tornaram a minha família, um obrigada por me terem ajudado nesta viagem que não foi nada fácil. Obrigada por me darem a mão quando precisei, por me fazerem rir, por me ouvirem falar durante horas, pelas conversas profundas e por serem a melhor família que eu podia encontrar no Porto. Independentemente do número de amigos que tivermos e ganharmos nos próximos anos e do tempo que passarmos separados, lembrem-se sempre que ninguém vos pode substituir. Vocês foram, são e serão sempre insubstituível no meu coração. Em especial quero agradecer a minha melhor amiga da faculdade, Joana.

Por fim, quero agradecer aos meus amigos do Luxemburgo cujo apoio foi fundamental para esta etapa que está a acabar.

"In a healthy relationship, people make mistakes, but they are able to forgive and move forward because they value the relationship more than their own ego."

- Gottman, J.

Resumo

As relações românticas desempenham um papel fundamental na experiência humana, envolvendo interações contínuas caracterizadas por afeto e intimidade, no entanto, à medida que as expectativas evoluem ao longo do tempo, surgem desafios, tornando essencial a resolução eficaz de conflitos. O perdão, ~~um~~ processo psicológico que envolve superar raiva e ressentimento após ofensas, desempenha um papel crucial na construção de relacionamentos sólidos e na gestão de conflitos. Estudos anteriores evidenciam a ligação positiva entre perdão, satisfação conjugal e qualidade dos relacionamentos românticos.

Realizado como pesquisa correlacional e de regressão, investigou associações entre perdão, satisfação conjugal e fatores sociodemográficos e seu poder preditivo. Objetivos gerais e específicos foram estabelecidos, incluindo três questões-chave.

Os resultados obtidos revelaram associações positivas entre o perdão e a satisfação conjugal. No entanto, também foi evidenciado que fatores sociodemográficos desempenham um papel fundamental na disposição das pessoas em perdoar. Neste contexto, a idade e a duração do relacionamento emergiram como variáveis de grande influência sobre a capacidade de perdoar. Além disso, a análise apontou que os perdões, juntamente com a idade e o tempo de relacionamento, mostraram-se como fatores significativos da satisfação conjugal.

Este estudo sublinha a importância do perdão na promoção de relacionamentos saudáveis, resolução de conflitos, e enfatiza a influência dos fatores sociodemográficos na capacidade de perdoar. As descobertas têm implicações práticas no aconselhamento de casais, embora limitações identificadas sugiram áreas para pesquisas futuras, visando um aprofundamento na compreensão do perdão nas relações românticas e seu impacto na satisfação conjugal e no bem-estar dos casais.

Palavras-chave: Perdão; Relações Românticas; Bem-estar Conjugal; Estudo Quantitativo.

Abstract

Romantic relationships play a fundamental role in the human experience, involving ongoing interactions characterized by affection and intimacy. However, as expectations evolve over time, challenges arise, making effective conflict resolution essential. Forgiveness, a psychological process involving the overcoming of anger and resentment after offenses, plays a crucial role in building strong relationships and managing conflicts. Previous studies have shown a positive link between forgiveness, marital satisfaction, and the quality of romantic relationships.

Conducted as a correlational and regression research, this study investigated associations between forgiveness, marital satisfaction, and sociodemographic factors and their predictive power. General and specific objectives were established, including three key questions.

The results revealed positive associations between forgiveness and marital satisfaction. However, it was also evident that sociodemographic factors play a fundamental role in people's willingness to forgive. In this context, age and relationship duration emerged as variables of significant influence on the ability to forgive. Furthermore, the analysis indicated that forgiveness, along with age and relationship duration, were significant factors in marital satisfaction.

This study underscores the importance of forgiveness in promoting healthy relationships, conflict resolution, and emphasizes the influence of sociodemographic factors on the capacity to forgive. The findings have practical implications for couples counseling, although identified limitations suggest areas for future research to deepen the understanding of forgiveness in romantic relationships and its impact on marital satisfaction and couples' well-being.

Keywords: Forgiveness; Romantic Relationships; Marital Well-being; Quantitative Study.

Résumé

Les relations romantiques jouent un rôle fondamental dans l'expérience humaine, impliquant des interactions continues caractérisées par l'affection et l'intimité. Cependant, à mesure que les attentes évoluent au fil du temps, des défis se posent, rendant essentielle la résolution efficace des conflits. Le pardon, un processus psychologique impliquant le dépassement de la colère et du ressentiment après des offenses, joue un rôle crucial dans la construction de relations solides et la gestion des conflits. Des études antérieures ont montré un lien positif entre le pardon, la satisfaction conjugale et la qualité des relations romantiques.

Menée sous forme de recherche corrélationnelle et de régression, cette étude a examiné les associations entre le pardon, la satisfaction conjugale et les facteurs sociodémographiques et leur pouvoir prédictif. Des objectifs généraux et spécifiques ont été définis, comprenant trois questions clés.

Les résultats ont révélé des associations positives entre le pardon et la satisfaction conjugale. Cependant, il est également apparu que les facteurs sociodémographiques jouent un rôle fondamental dans la volonté des personnes de pardonner. Dans ce contexte, l'âge et la durée de la relation sont apparus comme des variables d'influence significative sur la capacité à pardonner. De plus, l'analyse a indiqué que le pardon, ainsi que l'âge et la durée de la relation, étaient des facteurs significatifs de la satisfaction conjugale.

Cette étude souligne l'importance du pardon dans la promotion de relations saines, la résolution des conflits, et met l'accent sur l'influence des facteurs sociodémographiques sur la capacité à pardonner. Les conclusions ont des implications pratiques pour le conseil aux couples, bien que des limites identifiées suggèrent des domaines de recherche future pour approfondir la compréhension du pardon dans les relations romantiques et son impact sur la satisfaction conjugale et le bien-être des couples.

Mots-clés : Pardon ; Relations Amoureuses ; Bien-être Conjugal ; Étude Quantitative.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO **1**

ENQUADRAMENTO TEÓRICO: AS RELAÇÕES ENTRE O PERDÃO, A SATISFAÇÃO CONJUGAL E AS RELAÇÕES ROMÂNTICAS **3**

1. O Perdão **3**

1.1. O Perdão como Processo 5

1.2. Os Determinantes do Perdão 7

2. A Satisfação Conjugal **8**

3. Perdão e Satisfação Conjugal nas Relações Românticas **10**

METODOLOGIA **13**

1. Objetivos e Questões de Investigação **13**

2. Procedimentos de Recolha de Dados **14**

3. Instrumentos **15**

3.1. Escala de Perdão a uma Ofensa-específica do seu Parceiro (EPOP) 15

3.2. Escala Satisfação Marital ENRICH (EMS) 16

3.3. Participantes 16

3.4. Procedimento de Análise de Dados 17

3.5. Procedimentos Éticos 17

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS **19**

1. Análises das escalas **19**

2. Análise Comparativa e Correlacional **21**

3. Análise das Regressões Lineares Múltiplas **23**

4. Discussão dos Resultados **24**

CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS **30**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **34**

ANEXOS **45**

..... **71**

INTRODUÇÃO

As relações românticas são uma componente fundamental da experiência humana, envolvendo interações voluntárias, mútuas e contínuas entre duas pessoas, caracterizadas por expressões de afeto e intimidade (Collins et al., 2009). Estas relações comportam dimensões positivas e negativas (Gordon et al., 2009) e, embora possam ser gratificantes, não estão isentas de desafios e conflitos (Paleari et al., 2009). É importante notar que estes desafios podem aumentar ao longo do tempo devido a mudanças nas expectativas e objetivos dos parceiros (Gottman & Silver, 1999).

Assim, o sucesso ou o fracasso de uma relação não está relacionado com a ausência de conflitos, mas sim com as estratégias de resolução utilizadas (Gordon et al., 2009; Paleari et al., 2009). Portanto, aprender a lidar efetivamente com conflitos e desafios é fundamental para a manutenção de relacionamentos saudáveis e duradouros (Gottman & Gottman, 2017).

O perdão é um processo psicológico e emocional que envolve a superação da raiva e do ressentimento após ofensas, desempenha um papel crucial na construção de bases sólidas para os relacionamentos e na adoção de estratégias eficazes para lidar com conflitos e desafios (Enright & Fitzgibbons, 2000; Fincham et al., 2006). Como refere Enright (2001), o perdão é uma competência que pode ser aprendida e melhorada, desempenhando um papel fundamental na resolução de conflitos e na manutenção de relações saudáveis. Recentemente, os estudos em terapia conjugal têm dado um contributo significativo, ajudando os casais a melhorar a comunicação, a desenvolver o perdão e a identificar formas eficazes de resolver conflitos (Greenberg et al., 2010; Schmidt et al., 2015; Wade et al., 2014).

Existem evidências sólidas que sugerem que o perdão está positivamente relacionado à satisfação conjugal e aos relacionamentos românticos (Fincham & Beach, 2010). A satisfação conjugal, definida como a perceção de felicidade e realização numa relação conjugal (Johnson & Rusbult, 1989), engloba vários aspetos, como a satisfação com a comunicação, o apoio emocional e as atividades partilhadas (Gottman & Gottman, 2017). Vários estudos têm demonstrado uma correlação positiva entre o perdão, a resolução de conflitos e a satisfação conjugal (Braithwaite et al., 2011; Buthello & Chadha, 2021; Greenberg et al., 2010; Paleari et al., 2009; Aalgaard et al., 2016; Şahan, 2021).

Para além disso, o perdão tem sido associado a um aumento da satisfação conjugal e a uma redução de atitudes negativas, como a raiva e o ressentimento (Worthington et al.,

2007; Fincham & Beach, 2010). Os indivíduos que praticam frequentemente o perdão tendem a desfrutar de relações mais saudáveis e duradouras (Fincham & Beach, 2010). As intervenções terapêuticas que dão prioridade ao perdão e à resolução de conflitos nas relações têm produzido resultados positivos, incluindo melhorias na capacidade de perdoar, níveis mais baixos de raiva e maior satisfação conjugal (Sells et al., 2002). Devido aos benefícios do perdão para a saúde física e mental, bem como para a qualidade das relações interpessoais, há um interesse crescente na implementação de intervenções terapêuticas centradas no perdão, particularmente no contexto do aconselhamento de casais (Worthington, 2006).

É importante salientar que o perdão, a satisfação conjugal e os relacionamentos românticos são temas amplamente estudados na literatura e estão interligados. No entanto, ainda existem lacunas no conhecimento sobre a forma como estas variáveis afetam os relacionamentos românticos. Além disso, o perdão não é uma solução universal e pode ser influenciado por fatores sociais, culturais e individuais (Enright, 2001; Lawless & Anderson, 2011; Worthington, 2006). Por isso, compreender os efeitos do perdão na satisfação conjugal e nos relacionamentos românticos é de grande importância para melhorar a qualidade dessas relações e ajudar as pessoas a superar obstáculos e traumas.

O estudo proposto tem como objetivo analisar as inter-relações entre o perdão, a satisfação conjugal e os relacionamentos amorosos. Além disso, investigará como os fatores externos podem influenciar o perdão e como isso afeta a satisfação conjugal e os relacionamentos românticos. As implicações práticas deste estudo e os desafios futuros da investigação nesta área serão discutidos ao longo do mesmo.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO: AS RELAÇÕES ENTRE O PERDÃO, A SATISFAÇÃO CONJUGAL E AS RELAÇÕES ROMÂNTICAS

1. O Perdão

O perdão é um conceito amplamente estudado na psicologia, sobretudo quando se trata das relações românticas. Uma das características inerente ao estudo do perdão relaciona-se com a própria definição do conceito, que deve ser percecionado de acordo com a sua natureza multidimensional (Enright & The Human Development Study Group, 1991). Embora haja muitas definições de perdão, a maioria dos autores concorda que é um processo cognitivo e emocional complexo, que envolve superar ressentimentos e emoções negativas em relação a um ofensor (Enright & Fitzgibbons, 2000, 2015; Guimarães, 2019; Mendes-Teixeira & Duarte, 2021). Este conceito mostra o perdão como uma mudança interna e o abandono da negatividade em relação ao ofensor. Enright e Fitzgibbons (2015) sustentam que o perdão é um processo de evolução que contém três etapas: compreender a ofensa, sentir empatia pelo agressor e decidir perdoar. Os autores acreditam que o perdão pode ser benéfico para o ofendido e para o ofensor, já que pode melhorar a saúde mental, o bem-estar emocional e a qualidade da relação.

Em traços gerais, acredita-se que o perdão é uma motivação individual, que envolve um esforço voluntário e intencional, para tolerar os erros cometidos pelo parceiro (Paleari et al., 2009). Este conceito tem o poder de reconstruir relações complicadas e promover o bem-estar individual (Kaleta & Mróz, 2018). Contudo, o indivíduo não atribui facilmente o perdão, porque tem de envolver empatia, altruísmo e um sentido de responsabilidade para melhorar uma relação (Worthington et al., 2019). Quando algo corre mal, os indivíduos trazem sentimentos negativos que têm o potencial de destruir uma relação, pelo que perdoar o parceiro pode reduzir a dor do incidente (Sandilya & Shahnawaz, 2014).

De acordo com McCullough e colaboradores (2000), o perdão é uma escolha consciente de abandonar o rancor, o desejo de retaliação e outros sentimentos negativos em relação ao ofensor, procurando superar ou minimizar o impacto negativo da ofensa. Este conceito destaca a ação intencional do perdão, a libertação dos efeitos negativos da ofensa e a possibilidade de reestabelecer a relação com o ofensor. Worthington (1998), por sua vez,

descreve o perdão como um processo cognitivo, emocional e comportamental através do qual uma pessoa supera o ressentimento e o desejo de retaliação, reconhecendo a humanidade do ofensor. Este conceito destaca o perdão como uma ação consciente e uma mudança interna que envolve a libertação dos sentimentos negativos relacionados com uma situação ofensiva e a procura de reconciliação com o ofensor. Segundo outro autor, Luskin (1999), o perdão é uma abordagem positiva de empatia e aceitação que permite à pessoa libertar-se do stresse emocional causado pela ofensa. O perdão não implica necessariamente reconciliação ou justificação da ofensa, mas é uma maneira de ultrapassar as emoções negativas e superar o dano causado por outra pessoa.

De acordo com o referido, o perdão pode ser descrito como um processo de mudança, no qual as respostas negativas e de retaliação são suprimidas e trocadas por outras positivas ou neutras face ao ofensor (Thompson & Snyder, 2019). O perdão nos casais é visto fundamentalmente como um fenómeno bidimensional (Fincham & Beach, 2002; Fincham et al., 2006; Paleari et al., 2009; Worthington, 2006), contendo: uma dimensão positiva, que envolve benevolência, afeto positivo ou empatia; e uma dimensão negativa, que implica o rancor, a evasão e o desejo de retaliação ou punição do ofensor. Assim, destaca-se o facto de o perdão poder substituir a hostilidade por sentimentos e emoções positivas (Macaskill, 2012). Nesta linha de pensamento, Paleari e colaboradores (2009) consideram que as dimensões positivas (que incluem a benevolência e motivações conciliatórias) são capazes de reduzir o sofrimento emocional e melhorar a qualidade do relacionamento. Em contrapartida, as dimensões negativas (como o evitamento, a vingança ou a retaliação por parte do ofendido) podem piorar a situação, manter o conflito e prejudicar a relação e a saúde emocional das pessoas envolvidas.

A este respeito, é de referir que Paleari e colaboradores (2009) definem o perdão como um construto que pode assumir três formas diferentes: um traço de personalidade, que é a propensão de uma pessoa para perdoar ao longo do tempo e em diversas situações; uma tendência específica numa relação, que é a propensão para perdoar um parceiro específico ao longo do tempo e em diferentes ofensas; e uma resposta a uma ofensa específica, que é um ato único, num contexto interpessoal particular, que ocorre para uma ofensa específica. Embora o perdão episódico, ou seja, o perdão para uma ofensa específica, seja mais amplamente estudado, as três formas de perdão têm sido objeto de estudo na literatura científica.

Em síntese, as definições de perdão na literatura apresentam variações, mas todas elas enfatizam uma mudança interna, a intenção de abandonar sentimentos negativos e a

oportunidade de restauração da relação com o ofensor. Estas conceptualizações fornecem uma base teórica importante para compreender o processo de perdão e seu impacto no bem-estar emocional. Para efeitos do presente trabalho, assumiremos a perspetiva conceptual de perdão conforme proposta por Paleari e colaboradores (2009), nomeadamente em relação à sua bidimensionalidade face a uma ofensa específica.

1.1. O Perdão como Processo

O perdão é um processo complexo que envolve alterações na maneira como uma pessoa pensa e sente face a uma ofensa (Enright & Fitzgibbons, 2000). A compreensão da natureza do perdão é elementar para a psicologia, pelo que muitos autores têm elaborado modelos para explicar o processo subjacente ao conceito. Esses modelos mostram as etapas e os fatores que influenciam o perdão. Aqui, analisaremos alguns dos modelos de perdão mais relevantes na psicologia.

O modelo de perdão de Robert Enright (1996, 2001) é amplamente aceite como uma das principais teorias do perdão. De acordo com o autor, o processo de perdão é composto por três componentes: desconstrução da raiva, empatia pelo ofensor e decisão de perdoar (Enright, 1996, 2001). A desconstrução da raiva implica a revisão dos pensamentos negativos, o que pode resultar na redução da emoção negativa. A empatia pelo ofensor é o entendimento da sua perspetiva. Por fim, a decisão de perdoar é quando a pessoa decide libertar-se do ressentimento. Além disso, o perdão é um processo gradual de mudança cognitivo-afetiva, que inclui quatro fases principais: (1) reconhecimento da ofensa, em que a pessoa se torna consciente da ofensa e do seu impacto emocional, o que pode conduzir à revisão de pensamentos negativos sobre o ofensor e a situação; (2) desejo de perdão, através do qual a pessoa tem um genuíno desejo de perdoar o ofensor, o que inclui a vontade de superar a emoção negativa e o sofrimento causados pela ofensa; (3) trabalho de perdão, mediante o qual a pessoa inicia o processo interno de perdoar, o que inclui rever os pensamentos e as emoções negativas e compreender a perspetiva do ofensor; e (4) libertação, onde a pessoa alcança o perdão genuíno, libertando-se do rancor e procurando, se assim o entender, a reconciliação com o ofensor. Segundo Enright (1996), o processo pode ser facilitado por terapia, meditação e autorreflexão. Além disso, o modelo salienta que o perdão é uma opção individual e não deve ser forçado ou imposto.

Entretanto, o modelo interativo de Worthington (1998, 2005) é uma teoria da psicologia positiva que descreve o perdão como um processo complexo e interativo que envolve modificações nas pessoas envolvidas - quem perdoa e quem é perdoado. Segundo o

autor, o perdão envolve cinco elementos principais: motivação para perdoar, empatia pelo ofensor, reconhecimento da ofensa, decisão de perdoar e reconciliação (caso seja desejável). A motivação para perdoar pode ser causada pelo desejo de aliviar a dor ou melhorar as relações. A empatia pelo ofensor envolve o entendimento da sua perspetiva e da sua dor. O reconhecimento da ofensa requer a identificação da natureza da ofensa e da responsabilidade do ofensor. A decisão de perdoar é a escolha consciente de libertação do rancor e a procura da reconciliação, se for o caso. A reconciliação, finalmente, envolve a restauração da relação, caso seja viável e caso seja desejado. Este modelo destaca o papel da motivação, empatia, reconhecimento, decisão e reconciliação no perdão genuíno.

O modelo de perdão de McCullough e colaboradores (McCullough et al., 2000; McCullough & Hoyt, 2002), por sua vez, é uma teoria da psicologia evolutiva focada no perdão como um comportamento social adaptativo. Este modelo sugere que o perdão é uma resposta adaptativa às ofensas sociais, promovendo a manutenção de relacionamentos saudáveis e o equilíbrio emocional. O perdão surge, assim, como uma solução para duas necessidades básicas: a necessidade de fazer justiça e a necessidade de manter relações interpessoais. O perdão é uma forma de resolução de conflitos e de reconciliação, existindo maior probabilidade de ocorrer quando o ofensor mostra arrependimento e faz mudanças significativas. Além disso, este modelo indica que o perdão é influenciado por fatores individuais (e.g., personalidade, religião e crenças culturais) e contextuais (e.g., a natureza da ofensa e a presença de apoio social).

Finalmente, é fundamental distinguir o perdão de outros conceitos para o melhor entendimento do perdão enquanto processo. A primeira distinção reside na comparação com a reconciliação, enquanto o perdão se centra na mudança interna pessoal, permitindo a libertação do rancor e raiva associados a experiências injustas ou dolorosas, a reconciliação envolve a restauração de relações após desentendimentos, mas a maioria dos autores argumenta que o perdão não implica necessariamente a reconciliação (Enright & Fitzgibbons, 2000; Enright, 1996; Enright et al., 1998; McCullough et al., 2000; Strabbing, 2020).

Em segundo lugar, os autores destacam a distinção entre o perdão e a aceitação. A aceitação compreende e reconhece a realidade, incluindo o passado, as escolhas e as respetivas consequências. Por outro lado, o perdão é um processo ativo que implica a decisão de libertar-se do rancor e raiva, deixando para trás as emoções negativas associadas a experiências injustas ou dolorosas (Hayes et al., 1999; Stein & Miller, 2019).

Por fim, é importante diferenciar o perdão da justiça, da restauração e da resolução de conflitos. Perdoar significa liberar alguém de uma responsabilidade moral sem exigir compensação em troca. Em contraste, a justiça está relacionada com a retribuição ou compensação quando alguém prejudica outra pessoa. A restauração visa corrigir o dano causado, podendo ser alcançada através de meios legais ou ações pessoais. A resolução de conflitos refere-se ao processo de resolver desentendimentos e diferenças, que pode incluir negociação, mediação ou outras formas de alcançar um consenso mútuo satisfatório. Embora o perdão possa ser necessário para a resolução de conflitos, estes não são sinónimos, e o perdão pode ser alcançado independentemente da resolução de conflitos (Exline, 2003; Worthington, 2015).

Em última análise, apesar das distinções entre esses conceitos, todos desempenham papéis essenciais no bem-estar emocional e social das pessoas (Miller, 2015; Worthington, 2015).

1.2. Os Determinantes do Perdão

O perdão é um processo complexo que envolve mudanças cognitivas, emocionais e comportamentais em relação ao ofensor e à ofensa (Enright e Fitzgibbons, 2000). Diversos modelos de perdão destacam determinantes associados à sua origem, divididos em fatores relacionados com a ofensa/agressor, com o ofendido e com aspetos relacionais.

Os determinantes associados à ofensa/agressor incluem a responsabilidade do ofensor, sendo que uma menor responsabilidade ou intencionalidade percebida aumenta a probabilidade de perdão (Fehr et al., 2010). A intenção maliciosa do infrator também desempenha um papel significativo, afetando a gravidade da infração e a vontade de perdoar da parte ofendida (Enright & Fitzgibbons, 2000). A capacidade do infrator para reconhecer a sua culpa e pedir desculpa desempenha um papel fundamental na reconciliação, facilitando o perdão (Fehr et al., 2010; McCullough et al., 1997). A gravidade da infração, influenciada por fatores como a intencionalidade e a frequência, também afeta a dificuldade do perdão e está inversamente relacionada com o perdão (Fehr et al., 2010).

Os determinantes associados ao ofensor são influências intrínsecas que afetam a decisão de perdoar. Isto envolve elementos psicológicos, sociais e espirituais que incluem a empatia, a compaixão, o altruísmo e a espiritualidade como fatores positivos para o perdão (Enright & Fitzgibbons, 2000). Os sentimentos de raiva e mágoa têm um efeito negativo sobre a capacidade de perdoar, mostrando uma correlação negativa entre raiva, mágoa e probabilidade de perdão (Rique e Camino, 2009; Fehr et al., 2010; Macaskill, 2012). As

características de personalidade da parte ofendida, como a ruminação, o neuroticismo e a afabilidade, também influenciam o processo de perdão (Fehr et al., 2010; McCullough et al., 2007).

Os determinantes relacionais estão ligados às características da relação e incluem a proximidade da relação, o compromisso e a satisfação conjugal. Em geral, relações mais próximas aumentam a probabilidade de perdão, motivando tanto o ofendido como o ofensor a preservar a relação (McCullough et al., 1998; Riek, 2010). O empanho na relação é importante, uma vez que as pessoas mais empenhadas tendem a estar mais motivadas para permanecer na relação (Braithwaite et al., 2011; Fincham, 2010). A satisfação conjugal também está positivamente correlacionada com o perdão, com níveis mais elevados de perdão associados a uma maior satisfação na relação, mediada por mecanismos como o aumento do esforço na relação e uma diminuição das táticas negativas de resolução de conflitos interpessoais (Allemand et al., 2007; Fehr et al., 2010; Braithwaite et al., 2011).

2. A Satisfação Conjugal

A satisfação conjugal tem sido amplamente investigada na psicologia, pois contribui para a qualidade e estabilidade das relações amorosas (Li & Fung, 2011; Narciso & Ribeiro, 2009). Este é um construto complexo e multidimensional que envolve várias componentes do relacionamento, incluindo a comunicação, o apoio emocional, a intimidade, o compromisso, a confiança, a resolução de conflitos, a realização sexual e a partilha de valores e objetivos (Abreu-Afonso et al., 2022; Gottman & Silver, 1999; Narciso & Costa, 1996; Thompson, 1988). Portanto, a satisfação conjugal não se restringe apenas à ausência de conflitos ou insatisfação, mas também à capacidade do casal de superar dificuldades e manter um relacionamento saudável e duradouro. Em conformidade com Gottman e Silver (2001), a dinâmica dos casais que experimentam satisfação conjugal está repleta de pensamentos, sentimentos e comportamentos positivos, indicando que esses casais tendem a ser emocionalmente felizes.

Destaca-se, assim, o papel da complexa interação de fatores intrapessoais, interpessoais e contextuais na satisfação conjugal, influenciada por fatores como a personalidade, a cognição, os estilos de comunicação e a resolução de conflitos (Whisman & Delinsky, 2002; Whisman & Jacobson, 1989). Segundo Gottman e Levenson (1992), a

capacidade de comunicar de forma clara, assertiva e empática é essencial para a construção e manutenção de relacionamentos saudáveis e satisfatórios.

A respeito da personalidade de cada parceiro, alguns estudos têm mostrado que esta pode afetar a satisfação conjugal, sendo que pessoas mais extrovertidas e menos neuróticas tendem a ter relacionamentos mais satisfatórios (Donnellan et al., 2004). A conscienciosidade é o traço mais associado à satisfação conjugal em casais de longa duração (Claxton et al., 2012). Além disso, fatores como a sexualidade, a divisão equitativa de tarefas domésticas, o suporte emocional e a resolução de conflitos de forma construtiva também são importantes para a satisfação conjugal (Karney & Bradbury, 2020).

A satisfação conjugal tem sido associada a uma série de consequências positivas e negativas. Com efeito, esta é considerada um dos principais indicadores de qualidade de vida (Vanassche et al., 2013), sendo vista por alguns autores como uma medida de saúde mental e bem-estar subjetivo (Fincham & Linfield, 1997; Johnson & Anderson, 2013). A satisfação conjugal é um importante preditor de felicidade e bem-estar psicológico (Fincham & Beach, 2010; Wade & Pevalin, 2004; Whisman, 2007), estando associada a melhor ajustamento e menos problemas de saúde (Johnson et al., 2005). A satisfação conjugal é essencial para a saúde mental e física dos membros do casal, assim como para a estabilidade do relacionamento. Além disso, está correlacionada positivamente com a satisfação com a vida e com a satisfação sexual (Andrade et al., 2009; Narciso e Costa, 1996).

A falta de satisfação conjugal, por outro lado, pode estar associada a diversos problemas de saúde mental e física, como depressão, ansiedade, stresse, doenças cardíacas e problemas de sono (Whisman e Uebelacker, 2012). Além disso, a insatisfação conjugal pode levar a conflitos, infidelidade, divórcio e problemas de saúde mental. Outro estudo sobre satisfação conjugal foi conduzido por Gottman e Levenson (2002), que identificaram quatro padrões de comportamento que podem levar à insatisfação conjugal: crítica, desprezo, defensiva e evasão. Segundo os autores, a crítica ocorre quando um dos membros do casal ataca o outro, em vez de expressar suas próprias necessidades. O desprezo ocorre quando um dos membros do casal trata o outro com desrespeito e hostilidade. A defensiva ocorre quando um dos membros do casal se sente ameaçado e reage de forma defensiva. A evasão ocorre quando um dos membros do casal evita o conflito, em vez de enfrentá-lo.

Em conclusão, a satisfação conjugal é um importante indicador da qualidade de um relacionamento e está associada a uma série de consequências positivas e negativas. Portanto, é fundamental que casais aprendam a lidar com esses fatores e a desenvolver

habilidades de comunicação eficazes para manter um relacionamento saudável e satisfatório ao longo do tempo.

3. Perdão e Satisfação Conjugal nas Relações Românticas

O perdão pode afetar positivamente as relações interpessoais, sendo uma das principais variáveis que influenciam a satisfação conjugal. Com efeito, o perdão é considerado um fator positivo para relacionamentos românticos, promovendo a satisfação conjugal e a manutenção relacional (Burr et al., 2012; Rusbult et al., 2005). O perdão pode ajudar a restaurar os níveis de satisfação conjugal pré-existentes ou aumentá-los, reforçando o relacionamento e prevenindo a negatividade recíproca face aos conflitos (Waldron & Kelley, 2008). De maneira geral, a literatura destaca que há uma relação positiva entre o perdão e a satisfação conjugal (Allemand et al., 2007; Pansera & La Guardia, 2012; Roberts et al., 2021), o que é sustentado por diversos estudos que apontam o perdão como um preditor positivo da satisfação conjugal (Braithwaite et al., 2011; David & Stafford, 2015; Gordon et al., 2009; Myung-Sun, 2014; Olson et al., 2015; Patrick et al., 2013). Isto significa que quanto mais os parceiros perdoam, maior é a perceção da satisfação conjugal.

Adicionalmente, alguns estudos têm destacado o lado bidimensional do perdão, através de correlações distintas com a satisfação conjugal. Isso ocorre porque a disposição de perdoar reduz os sentimentos negativos em relação ao parceiro, promove a comunicação e a reconciliação e aumenta a confiança no relacionamento (David & Stafford, 2015; Paleari et al., 2009). Por outro lado, o ressentimento está negativamente associado à satisfação conjugal (David & Stafford, 2015; Paleari et al., 2009). Acontece desta forma porque o ressentimento pode levar a comportamentos de retaliação, aumento do conflito e diminuição da confiança. Note-se, ainda, que o autoperdão também está positivamente relacionado com a satisfação conjugal do ofensor e do ofendido (Pelucchi et al., 2013; Thompson et al., 2005). Portanto, é importante não apenas considerar a perspetiva do ofendido, mas também ter em conta a perspetiva do ofensor e a dinâmica geral da relação entre ambos.

Em relação às variáveis mediadoras da relação entre o perdão e a satisfação conjugal, diversos estudos apontam para a importância da empatia na relação entre as variáveis (Fincham e Beach, 2010). A capacidade de compreender os sentimentos e as perspetivas do parceiro pode favorecer a tomada de decisão do perdão, além de promover uma maior compreensão da relação e uma maior satisfação conjugal. Numa pesquisa, Fincham e

colaboradores (2002) propuseram uma sequência causal na qual a satisfação conjugal prediz as atribuições benignas. Essas atribuições, por sua vez, estão diretamente associadas ao perdão e, indiretamente, são mediadoras das reações afetivas negativas e da empatia. Dessa forma, os parceiros que fazem atribuições mais positivas tendem a ser mais empáticos e experimentam menos afetos negativos, o que promove níveis mais elevados de perdão. Outra variável mediadora apontada por alguns estudos é a comunicação (Rusbult & Van Lange, 2003). Através de uma comunicação aberta e transparente, os parceiros podem expressar os seus sentimentos e as suas expectativas em relação ao relacionamento, o que pode favorecer o perdão e a satisfação conjugal. Braithwaite e colaboradores (2011) revelam que a relação pode ser mediada pelo aumento do esforço na relação e pela diminuição das estratégias negativas de resolução de conflitos. Já Schumann (2012) refere que a perceção da sinceridade do pedido de desculpa também atua como um fator mediador na relação entre satisfação conjugal e perdão: casais mais satisfeitos tendem a perdoar mais quando recebem um pedido de desculpas sincero, uma vez que isso é baseado em cognições, emoções e comportamentos positivos.

Por fim, é importante destacar a questão da causalidade na relação entre o perdão e a satisfação conjugal. Embora alguns estudos tenham mostrado que o perdão prediz a satisfação conjugal (Finkel et al., 2002), outros autores têm apontado que a satisfação conjugal também pode influenciar o perdão (Fincham et al., 2007). Ou seja, a relação entre essas variáveis parece ser bidirecional e dinâmica. Mas ainda assim, é necessário clarificar se a relação é causal e a direção dos potenciais efeitos (Braithwaite et al., 2011; Mendes-Teixeira & Duarte, 2021). Num estudo sobre as relações causais entre perdão e satisfação conjugal, realizado por Fincham e Beach (2007), observou-se uma correlação positiva entre essas duas variáveis. Os resultados mostraram que a relação entre perdão e satisfação conjugal é diferente para homens e mulheres. Para as mulheres, houve um efeito causal bidirecional entre o perdão e a satisfação conjugal, enquanto que para os homens houve um efeito causal unidirecional, da satisfação conjugal ao perdão. Outro estudo realizado por Paleari e colaboradores (2005) verificou que os parceiros que possuem elevados níveis de empatia emocional e níveis inferiores de ruminação em relação à ofensa revelam níveis superiores de perdão e estão mais satisfeitos com o relacionamento conjugal. Contudo, a trajetória da ruminação e do não-perdão foi mais forte para as mulheres do que para os homens, enquanto a trajetória da empatia e benevolência foi mais forte para os homens do que para as mulheres. Os autores também concluiram que há uma relação indireta recíproca entre perdão e satisfação conjugal ao longo do tempo, constatando que os parceiros que

estavam mais satisfeitos com o casamento perdoavam mais o parceiro seis meses depois, pois ruminavam menos sobre a ofensa. A relação entre perdão e satisfação conjugal neste estudo foi também bidirecional, mas mais indireta do que direta, devido à influência de fatores de natureza sociocognitiva, seja transversal ou longitudinal.

Em suma, o perdão é uma variável importante na promoção da satisfação conjugal, especialmente quando se trata da dimensão da benevolência. Além disso, a comunicação e a empatia são variáveis mediadoras que podem potencializar os efeitos positivos do perdão no relacionamento. No entanto, é importante considerar a bidirecionalidade e a dinamicidade da relação entre o perdão e a satisfação conjugal. Portanto, a compreensão dos determinantes do relacionamento requer uma análise cuidadosa de diversos fatores complexos e indiretos.

METODOLOGIA

Neste trabalho o paradigma de investigação escolhida foi o paradigma quantitativo. Esta metodologia funciona com base na premissa de que todos os aspetos podem ser expressos em termos numéricos. Implica que a informação recolhida durante a recolha de dados pode ser convertida em dados numéricos, permitindo a categorização e a análise subsequente. Por conseguinte, um estudo quantitativo procura representar e manipular observações utilizando valores numéricos para fornecer uma descrição numérica e uma explicação do fenómeno sob investigação (Vielas, 2009). Seguindo a perspetiva de Almeida & Freire (2000), a metodologia quantitativa tem como principal finalidade elucidar, prever e validar os fenómenos em análise, como também, procura identificar padrões, regularidades e normas, recorrendo a procedimentos de investigação caracterizados pela objetividade, racionalidade e medidas quantificáveis.

Segundo Fortin (2009), este paradigma metodológico está centrado no avanço do conhecimento através da descrição e interpretação objetiva dos dados. No fundo, mais do que avaliar diretamente o fenómeno em si, o objetivo da investigadora é compreender e dar sentido ao fenómeno em estudo.

Este estudo também pode ser classificado como sendo uma pesquisa correlacional. O propósito da investigação correlacional consiste em verificar se existe ou não correlação entre duas ou mais variáveis quantificáveis (Fortin, 2009). Neste contexto, a investigação procura examinar as associações ou correlações entre estas variáveis, fornecendo informações sobre a forma como o perdão se relaciona com a satisfação conjugal e os relacionamentos românticos. O foco principal é identificar se existem padrões de relacionamento entre o perdão e a satisfação conjugal.

1. Objetivos e Questões de Investigação

Os objetivos podem ser classificados como gerais e específicos, respetivamente. Como refere Fortin (2009), o objetivo geral representa o fio condutor de todo o estudo, ou seja, exprime a ideia central do trabalho a realizar. Neste contexto, o objetivo geral do presente estudo é:

- Investigar a relação entre o perdão e a satisfação conjugal em relacionamentos amorosos.

Os objetivos específicos estão relacionados com os resultados detalhados e aprofundados que se pretendem obter através da investigação, tal como sugerido por Fortin (2009). Assim, os objetivos específicos deste trabalho são os seguintes:

1. Identificar e analisar fatores sociodemográficos que podem influenciar a disposição de perdoar nas relações românticas.
2. Perceber se existe uma correlação entre o perdão e a satisfação conjugal.
3. Avaliar se o perdão, a idade e o tempo de relação predizem a satisfação conjugal em relações românticas.

Estes objetivos constituem um guia claro para a investigação, delineando as metas a atingir e as questões de investigação a explorar ao longo do estudo. As questões de investigação para este estudo foram divididas em três questões-chave que foram formuladas da seguinte forma:

1. Existe uma associação positiva entre o perdão nas relações românticas e a satisfação conjugal? Por outras palavras, à medida que a disposição para perdoar aumenta, a satisfação conjugal tende a aumentar?
2. As características sociodemográficas, como por exemplo o género, a idade, a escolaridade, o estado civil, a relação atual, a duração da mesma, a coabitação com o parceiro, os filhos na relação atual, o relacionamento anterior, o tipo de relação anterior e os filhos na relação anterior influenciam a disposição para perdoar nas relações românticas?
3. Em que medida é que o perdão, a idade e o tempo de relação são preditores da satisfação conjugal nas relações amorosas?

2. Procedimentos de Recolha de Dados

Como instrumento de recolha de dados optou-se pelo inquérito, pois este apresenta uma grande flexibilidade e alta eficiência para analisar conjuntos de dados complexos e extensos.

As vantagens da aplicação deste instrumento de recolha de dados são, entre outras: agilidade na aplicação, o controlo e *follow-up* das respostas e agilidade na tabulação dos resultados, facilidade em utilizar amostras maiores, flexibilidade e diversidade na elaboração de questões e a exigência de resposta completa (Evans & Mathur, 2005).

Para os autores, os inquiridos também têm vantagens, nomeadamente no que diz respeito à rapidez do preenchimento, facilidade de leitura, atratividade criada pela interatividade e "limpeza" do questionário, ou seja, sem rasuras. (Evans & Mathur, 2005). A recolha dos dados foi realizada através de um roteiro de perguntas do tipo fechadas, diretas e também com o uso da escala de Likert. Todas as perguntas foram desenvolvidas com base em argumentos e conceitos previamente desenvolvidos por outros autores sobre esta temática e alinhadas com o exposto na pesquisa secundária. Para a formulação destas perguntas recorreu-se às seguintes escalas: Escala de Perdão a uma Ofensa-específica do seu Parceiro (EPOP) e A Escala Satisfação Marital ENRICH (EMS)

3. Instrumentos

3.1. Escala de Perdão a uma Ofensa-específica do seu Parceiro (EPOP)

A Escala de Perdão de uma Ofensa Específica cometida pelo seu Parceiro (EPOP) é um instrumento concebido para avaliar sentimentos, pensamentos e comportamentos em resposta a uma ofensa específica cometida por um parceiro no passado.

A EPOP foi desenvolvida por Paleari et al. (2009) com o objetivo de avaliar o perdão nas relações conjugais, com um foco específico nas ofensas cometidas no contexto conjugal. Esta medida é amplamente reconhecida pela sua validade e fiabilidade em estudos sobre o perdão nas relações conjugais. A EPOP é reconhecida pela sua elevada consistência interna, demonstrada por um coeficiente alfa de Cronbach de 0,82. A escala é constituída por dez itens divididos em duas dimensões: benevolência e evitamento/ressentimento. A dimensão da benevolência inclui itens que avaliam as emoções positivas e a ausência de ressentimento em relação ao parceiro agressor. Por exemplo, um item poderia ser formulado como: "Embora ele/ela me tenha magoado, pus definitivamente de lado o que aconteceu para podermos retomar a nossa relação". A dimensão evitamento/ressentimento inclui itens que avaliam o ressentimento e as motivações de vingança, tais como por exemplo: "Desde que o meu marido/esposa se comportou desta forma, tenho menos vontade de falar com ele/ela". Os participantes respondem a cada item utilizando uma escala de Likert de seis pontos, indicando o grau de concordância com cada afirmação, variando de 1 (discordo totalmente) a 6 (concordo totalmente).

A Escala EPOP é amplamente utilizada para investigar os fatores que influenciam a vontade de perdoar dos indivíduos, bem como o impacto do perdão na saúde mental e nas

relações. Também tem sido utilizada em estudos que exploram a relação entre o perdão, o compromisso, a qualidade da relação e o bem-estar subjetivo dos casais (Paleari et al., 2010, 2011).

3.2. Escala Satisfação Marital ENRICH (EMS)

A Escala de Satisfação Marital ENRICH (EMS), desenvolvida por Fowers e Olson em 1993, é um instrumento valioso para avaliar a satisfação conjugal nas relações. Embora tenha uma longa história desde a sua criação, vale a pena referir que a EMS é uma versão mais concisa do Inventário ENRICH, que consiste num conjunto muito mais extenso de 125 itens. Esta versão mais curta foi concebida para simplificar a avaliação da satisfação conjugal, tornando-a mais acessível e prática para inquéritos e avaliações de casais.

A EMS é reconhecida pela sua elevada consistência interna, demonstrada por um coeficiente alfa de Cronbach de 0,86. Isto indica que os itens da escala estão correlacionados de forma fiável entre si, o que a torna uma medida robusta para avaliar a satisfação conjugal.

É importante referir que, em 2020, esta escala foi traduzida para português no âmbito de uma tese de mestrado por Leal (2020). O principal objetivo deste estudo foi verificar se a versão portuguesa da EMS mantinha uma estrutura bidimensional e se continuava a demonstrar elevada consistência interna. A estrutura bidimensional refere-se à capacidade da escala de avaliar diferentes aspetos da satisfação conjugal em duas dimensões distintas, proporcionando uma compreensão mais abrangente e detalhada da dinâmica conjugal.

Assim, a EMS, apesar da sua versão mais concisa comparativamente ao Inventário ENRICH, desempenha um papel fundamental na avaliação da satisfação conjugal, tanto em contextos de investigação como clínicos**.**

3.3.Participantes

Neste estudo, a amostra foi constituída por 282 participantes de ambos os sexos. A maioria dos participantes era do género feminino, representando 84,4% (238 indivíduos), enquanto o género masculino constituía 15.6% da amostra (44 indivíduos).

A idade dos participantes variava entre os 18 e os 58 anos (M = 30.62, DP = 8,44 anos). Relativamente ao nível de escolaridade, a maioria dos participantes possuía o grau de licenciatura, constituindo 47.9% da amostra (135 indivíduos). Seguem-se 27.7% (78 indivíduos) com o ensino secundário completo e 21.3% (60 indivíduos) com o mestrado. Um pequeno número de participantes tinha o 3º ciclo (2.8%) e o doutoramento (0.4%).

Relativamente ao estado civil, a maioria dos participantes era solteira, representando 49.6% (140 indivíduos). Seguidamente, 25.2% (71 indivíduos) eram casados e 24.1% (68 indivíduos) estavam em união de facto. Apenas 1,1 % (3 indivíduos) eram divorciados.

A maioria dos participantes estavam numa relação amorosa, totalizando 97.9% (276 indivíduos) da amostra. A duração da relação atual variava entre semanas e 33 anos (M = 8.04, DP = 7.41). A maioria dos participantes vivia em coabitação com o seu parceiro (66.3%, 187 indivíduos), e a duração desta coabitação variava entre semanas e 31 anos, (M= 7.28, DP = 7,23) No entanto, a maioria não tinha filhos desta relação (77.3%, 218 indivíduos).

Para além disso, a maioria dos participantes já tinha tido uma relação anterior (80.9%, 228 indivíduos). Destes, a grande maioria indicou ter sido um namoro (87.3%, 199 indivíduos), com uma duração entre semanas e 20 anos, (M = 3.09, DP = 2,97). Também na relação anterior, a maioria não tinha filhos dessa relação (96.5%, 220 indivíduos).

3.4.Procedimento de Análise de Dados

Para se proceder à análise dos resultados provenientes do questionário recorreu-se a métodos estatísticos, recorrendo à utilização do programa IBM SPSS Statistics, na sua última versão. Para a interpretação dos dados quantitativos oriundos do questionário utilizou-se a estatística descritiva e a testes estatísticos. Em termos de testes estatísticos os escolhidos foram: a análise fatorial exploratória, o cálculo do coeficiente Alpha de Cronbach, o Teste Kolmogorov-Smirnov, Teste Paramétrico de T-Student, e o Coeficiente de Correlação de Pearson, e a Regressão linear múltipla entre outros.

3.5.Procedimentos Éticos

Todas as precauções éticas necessárias para este tipo de pesquisa foram estritamente cumpridas durante a recolha de dados para este estudo. Antes da administração dos questionários, os participantes foram convidados a preencher um formulário de consentimento informado (também via Google Forms), que incluiu uma explicação detalhada dos objetivos e procedimentos do estudo. Este documento formalizou a decisão voluntária dos participantes, garantindo que a recusa de participação não resultaria em nenhum tipo de prejuízo ou impacto negativo na sua assistência ou situação.

Os direitos dos participantes foram respeitados integralmente, incluindo a proteção de dados pessoais, o anonimato e a confidencialidade de todas as informações recolhidas.

Essas salvaguardas visam a garantia da integridade e da privacidade dos participantes, bem como a utilização ética e responsável de seus dados para os propósitos desta pesquisa.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, os resultados da análise das escalas aplicadas serão apresentados em primeiro lugar. Em seguida, será realizada a análise comparativa e correlacional das escalas em relação às variáveis sociodemográficas. Isso permitirá avaliar como as características sociodemográficas dos participantes podem influenciar as respostas nas escalas, bem como identificar associações significativas. Por fim, será realizada uma regressão linear múltipla que possibilitara analisar se o perdão, o tempo de relação e a idade predizem a satisfação conjugal.

Ao longo desse processo, técnicas estatísticas relevantes foram aplicadas para quantificar e avaliar as relações observadas, resultando em insights significativos que esclareceram o panorama global da pesquisa.

1. Análises das escalas

A análise das escalas utilizadas neste estudo fornece informações essenciais sobre a validade e a consistência interna dos instrumentos de medição. As duas escalas em questão são a Escala EPOP e a Escala EMS, cada uma com suas subescalas.

A Escala EPOP é composta por 10 itens distribuídos em duas subescalas: Evitação/Ressentimento com 6 itens (1,3,4,6,7 e 8) e Benevolência com 4 itens (2,5,9 e 10). Na análise dos resultados, verificou-se que a subescala Evitação/Ressentimento apresentou uma média da média da soma dos 6 itens de 2,88 (*DP*= 1,02) (Tabela 3 de Anexo I). A subescala de Benevolência teve uma média da média da soma dos 4 itens de 3,92 (*DP*=1,16) (Tabela 5 de Anexo I). A consistência interna da Escala MOFS, considerando-a como um todo, revelou uma confiabilidade relativamente baixa, com um alfa de Cronbach de 0,55. No entanto, as subescalas Evitação/Ressentimento e Benevolência apresentaram boa consistência interna, com valores de 0,77 e 0,77, respetivamente (Tabela 1, 2 e 4 do Anexo I).

Já a Escala EMS é composta por 15 itens distribuídos em duas subescalas: Satisfação com 7 itens (2, 3, 5, 7,10, 11 e 15) e Distorção com 5 itens (1, 4, 6, 9 e 13), com alguns itens invertidos (2, 5, 8, 9, 12 e 14). Os resultados mostraram que a subescala Satisfação teve uma média da média da soma dos 7 itens de 3,96, (*DP* = 0,79) (Tabela 10 de Anexo I). A subescala de Distorção apresentou uma média da média da soma dos 5 itens de 3,50 (*DP* =

0,94) (Tabela 12 de Anexo I). A Escala EMS, considerada como um todo, tem uma média da média da soma de todos os itens da escala EMS de 3,82 (*DP* = 0,83) (Tabela 8 de Anexo I). Esta demonstrou uma excelente consistência interna, com um alfa de Cronbach de 0,91. As subescalas Satisfação e Distorção também demonstraram boa consistência interna, com valores de 0,84 e 0,80 respetivamente (Tabela 7, 9 e 11 do Anexo I).

Testando a magnitude de efeito verificou-se que foi baixa entre a escala MOFS e a benevolência, mas elevada entre a escala MOFS e a evitação/ressentimento. Verificou-se ainda que entre a escala EMS e as duas subescalas foi a magnitude foi elevada.

Foi realizada uma análise de correlação de Pearson com o objetivo de perceber se as escalas e subescalas estavam correlacionadas. Os resultados revelaram que a Satisfação está correlacionada negativamente com a Evitação/Ressentimento $r(239) = -.45$, $p < .001$ e com a Escala EPOP $r(239) = -.24$, $p < .001$. Indicando que maior satisfação conjugal está associada a menor evitação/ressentimento e maior disposição para o perdão em relação a ofensas específicas. Além disso, a Satisfação estava correlacionada positivamente com a Benevolência $r(239) = .23$, $p < .001$, sugerindo que maior satisfação conjugal está relacionada a maiores níveis de benevolência na disposição para perdoar. Por outro lado, a Distorção estava correlacionada negativamente com a Evitação/Ressentimento $r(245) = -.50$, $p < .001$ e a Escala EPOP $r(245) = -.23$, $p < .001$. Indicando que menor distorção nas perceções conjugais está associada a menor evitação/ressentimento e maior disposição para o perdão em relação a ofensas matrimoniais específicas. A Distorção também estava correlacionada positivamente com a Benevolência $r(245) = .31$, $p < .001$, sugerindo que perceções mais precisas estão relacionadas a maiores níveis de benevolência na disposição para perdoar. A escala EMS estava correlacionada negativamente com a evitação/ressentimento $r(208) = -.49$, $p < .001$ e a escala MOFS $r(208) = -.25$, $p < .001$ e positivamente com a benevolência $r(208) = .28$, $p < .001$ (Tabela 15 do Anexo I). Testando a magnitude de efeito, verificou-se que foi sempre baixa, exceto para as correlações com a variável Evitamento/ Ressentimento que foi média ($r^2=.20$; $r^2=.25$; $r^2=.24$), indicando que apesar da significância, o efeito prático do teste é baixo.

2. Análise Comparativa e Correlacional

No seguimento do presente estudo pretendeu-se verificar a existência, ou não, de diferenças significativas nas escalas e subescalas em estudo, tendo em conta os dados demográficos dos inquiridos.

Para efetuar esta análise, verificou-se se os dados tinham uma distribuição normal. Inicialmente, recorreu-se ao teste de Kolmogorov-Smirnov, com um nível de significância de 5% que revelou probabilidades de significância (*p*) inferiores a 5%. No entanto, dado que a assimetria e a curtose foram, inferiores a 3 e 8, podemos inferir que as duas escalas e as suas subescalas cumprem a normalidade (Tabela 16 do Anexo I), (Pearson, 1895), (Galton, F.1889).

A análise das escalas e subescalas, tendo em conta o género dos inquiridos, foi realizada através do teste t de Student com um nível de significância de 5%. Os resultados revelaram que não existem diferenças significativas nas escalas e subescalas em função do género sendo a significância menor a da Satisfação. Não houve, portanto, diferenças significativas entre mulheres (M = 4.0, DP = .78) e homens (M = 3.74, DP = 0.86), $t(237)$ = 1.86, p =.065, d = 0.79 (Tabela 17 e 18 do Anexo I). A magnitude do efeito é considerada alta para todas as variáveis, uma vez que todos os resultados são > do que 0,8, o que significa que o efeito prático do teste é elevado. (Tabela 18 do Anexo I).

De igual modo, ao considerar se os inquiridos viviam com companheiro(a), os resultados do teste t de Student também indicaram não existirem diferenças significativas nas escalas e subescalas, sendo a menor observada na subescala Evitação/Ressentimento, sendo que não foram encontradas diferenças significativas entre participantes que não coabitavam (M = 2.81, DP = 0.96) e participantes que coabitavam (M = 2.92, DP = 1.18), $t(237)$ = -.81, p = .42, d = 1.02. (Tabela 20 e 21 de Anexo I). Testando a magnitude de efeito, verificou-se que foi sempre alto, sendo o valor mais baixo para a escala EPOP d = ,68, o que indica que o teste tem um efeito prático elevado (Tabela 22 do Anexo I).

Tendo em consideração se os participantes tinham tido uma relação anterior à atual, os resultados do teste t de student mostram que existiram diferenças significativas na escala EMS, indicando que inquiridos que não tiveram uma relação anterior (M = 4.03, DP = .72) apresentam uma pontuação média mais alta na escala EMS e, portanto, parecem ter maior satisfação conjugal em comparação com aqueles que tiveram uma relação anterior (M =3.77, DP = 10.85), $t(206)$ = 1.89, p = .035 d = ,83. Estes também revelam diferenças significativas na subescala da satisfação, indicando de igual forma que os participantes que não tiveram

uma relação anterior à atual (*M* =4.08, *DP* = .66), apresentam uma pontuação média mais elevada e, portanto, demostram por isso uma satisfação ligeiramente maior do que os participantes que tiveram uma relação anterior (*M* =3.93, *DP* = .82), *t*(237) = 1.19, *p* = .038 *d* = ,79. Nas restantes escala e subescalas não se verificaram diferenças significativas, sendo a significância menor a da benevolência onde não foram encontradas diferenças significativas entre participantes que não tinham tido uma relação anterior (*M* = 3.99, *DP* = 1.22) e os que tinham tido uma relação anterior (*M* = 3.92, *DP* =1.15), *t*(280) = -.16, *p* = .595, *d* = 1.17. (Tabela 26 e 27 de Anexo I). A magnitude do efeito foi considerada elevada para todas as variáveis, podendo afirmar que o teste tem um valor prático elevado (Tabela 28 do Anexo I).

Tendo em conta se os inquiridos tinham filhos da relação atual, aplicou-se um teste t de Student e verificou-se que não tinham sido encontradas diferenças significativas nas escalas e subescalas sendo a significância menor a da escala EPOP. Não houve, portanto, diferenças significativas entre os participantes que não tem filhos desta relação (*M* = 3.28 *DP* = .64) e os que tem filhos desta relação (*M* = 3.38, *DP* = .79), *t*(280) = -1.03, *p* = .089, *d*= .67. (Tabela 23 e 24 de Anexo I). A magnitude do efeito foi considerada elevada para todas as variáveis, podendo afirmar que o teste tem um valor prático elevado (Tabela 25 do Anexo I).

No entanto, quando se analisou a variável "ter filhos da última relação" e se aplicou o teste t de Student, observou-se uma diferença significativa na subescala evitamento/ressentimento sendo que participantes que tinham filhos (*M* = 2.81, *DP* = 1.0), apresentavam uma pontuação média de evitamento/ressentimento mais elevada e parecem por isso ter maior para evitar perdoar do que participantes sem filhos (*M* = 3.14, *DP* = 1.07), *t*(280) = -2.30, *p* = .022, *d* = 1.02. Nas restantes escalas e subescalas não foram encontradas diferenças significativas, sendo a menor significância observada na escala da benevolência, onde não se verificam diferenças significativas entre participantes que não tinham filhos (*M* = 3.98, *DP* = 1.14) e os que tinham filhos (*M* = 3.73, *DP* =1.24), *t*(280) = 1.52, *p* = .129, *d* = 1.16. (Tabela 29 e 30 de Anexo I). A magnitude do efeito foi considerada elevada para todas as variáveis, podendo afirmar que o teste te um valor prático elevado (Tabela 31 do Anexo I).

Para investigar a influência do estado civil, foi realizado um teste ANOVA com um nível de significância de 5%. Os resultados não indicaram diferenças significativas nas escalas e subescalas em função do estado civil dos participantes, sendo a significância mais

baixa a da benevolência $F(3, 278) = 1.81$, $p = .145$, $\eta p^2 = .019$. (Tabela 33 de Anexo I). A magnitude do efeito foi considerada moderada para todas as variáveis, o que implica que o efeito prático do teste é moderado (Tabela 34 do Anexo I).

De igual modo, ao analisar a influência do nível de escolaridade com um teste ANOVA, os resultados não revelaram diferenças significativas nas escalas e subescalas em análise, onde a significância menor observada foi a da Escala EPOP, mais especificamente a benevolência $F(3, 277) = 2.48$, $p = .061$, $\eta p^2 = .052$ (Tabela 36 de Anexo I). Testando a magnitude do efeito, verificou-se que foi sempre moderada para todas as variáveis, o que significa que o efeito prático do teste é moderado (Tabela 37 do Anexo I).

Por fim, ao aplicar o teste correlacional de Pearson, foi possível identificar algumas correlações significativas. A idade dos inquiridos foi negativamente correlacionada com a $r(239) = -.15$, $p = .020$, as perceções conjugais distorcidas $r(245) = -.14$, $p = 029$; e a Escala EMS $r(208) = -.18$, $p = .006$, indicando que à medida que a idade aumenta, a satisfação conjugal diminui e a tendência para perceções distorcidas aumenta. Por outro lado, a idade foi positivamente correlacionada com o evitamento/ressentimento $r(282) = .14$, $p = .016$, o que significa que o evitamento/ressentimento tende a aumentar com a idade. A duração da relação atual foi positivamente correlacionada com o evitamento/ressentimento $r(281) = .16$, $p = .006$ e com a escala EPOP $r(281) = .14$, $p = .019$, o que sugere que quanto maior for a duração da relação atual, maior será o evitamento/ressentimento. No entanto, a coabitação não apresentou correlações significativas com as escalas e subescalas em estudo. Observando a magnitude do efeito das varáveis, verificou-se que foi moderada para a variável Idade e sempre baixa para as variáveis tempo de relação e coabitação (Tabela 38 Anexo I).

Esta análise comparativa e correlacional oferece importantes perspetivas sobre a influência das variáveis demográficas nas escalas e subescalas em estudo, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada dos resultados obtidos.

3. Análise das Regressões Lineares Múltiplas

Foi conduzida uma análise de regressão linear múltipla para perceber a predição de três variáveis - perdão, idade e tempo de relação - na satisfação conjugal. Os resultados

revelaram que o modelo de regressão é globalmente significativo $F(3,203) = 6.52$, $p<.001$, indicando que, coletivamente, essas variáveis têm a capacidade de explicar 7,4% da variação na satisfação conjugal ($r^2 = 0,09$; r^2 *ajustado* = 0,074) (Tabela 40 e 41 do Anexo I).

Ao analisar individualmente o impacto de cada variável, observou-se que tanto a idade quanto o perdão desempenham um papel significativo na previsão da satisfação conjugal. A idade apresentou uma relação negativa significativa, o que significa que à medida que a idade dos participantes aumenta, a satisfação conjugal tende a diminuir (β= -0,24, p = 0,027). O perdão, representado pela escala EPOP, também se revelou um preditor negativo significativo, indicando que quanto menor o nível de perdão, menor é a satisfação conjugal (β = -0,26, p< 0,001). No entanto, o tempo de relação não demonstrou ser um preditor significativo da satisfação conjugal, uma vez que o seu coeficiente de regressão não é estatisticamente significativo (β = 0,29, p = 0,231) (Tabela 42 do Anexo I).

Estes resultados sugerem que a idade e a capacidade de perdoar desempenham papéis importantes na determinação da satisfação conjugal, enquanto a duração do relacionamento não parece ter uma influência significativa nesse contexto.

4. Discussão dos Resultados

Os resultados obtidos neste estudo proporcionam uma visão abrangente sobre a relação entre o perdão (Escala EPOP), a satisfação conjugal (Escala EMS) e as variáveis demográficas. A discussão destes resultados à luz da teoria do perdão e da satisfação conjugal revela conclusões interessantes.

Primeiramente, a análise da consistência interna das escalas revelou que a Escala EPOP, que mede o perdão, demonstrou uma confiabilidade considerável, com as suas subescalas, Evitação/Ressentimento e Benevolência, apresentando uma boa consistência interna. Isso sugere que as questões na escala são confiáveis na avaliação do perdão em contextos de ofensas especificas. No entanto, a consistência interna da Escala EPOP no seu conjunto é relativamente baixa, o que pode indicar que as subescalas estão a medir conceitos ligeiramente diferentes, mas relacionados.

Os resultados indicam que a subescala Evitar/Ressentimento possui uma pontuação média baixa, o que sugere que os participantes tendem a evitar o ressentimento nas suas relações. Por outro lado, a subescala Benevolência apresenta uma pontuação mais elevada, o que implica que os participantes estão mais dispostos a mostrar benevolência em relação a infrações relacionais.

A literatura sobre o perdão e as relações sugere que a capacidade de perdoar, refletida na subescala Benevolência, está associada a relações mais saudáveis e à satisfação conjugal (Finkel et al., 2002; Fincham et al., 2004). A subescala Evitamento/Ressentimento também é relevante, uma vez que o facto de evitar o ressentimento pode ser um indicador de uma relação saudável.

Por outro lado, a Escala EMS, mostrou excelente consistência interna, o que indica que há uma medição consistente dos constructos subjacentes. No entanto, na sua totalidade, revelou uma confiabilidade relativamente baixa. Este resultado pode indicar que a satisfação conjugal é um conceito multifacetado e complexo de ser medido.

Os resultados mostram que a subescala Satisfação tem uma pontuação média relativamente elevada, o que sugere que os participantes estão geralmente satisfeitos com as suas relações amorosas. Por outro lado, a subescala Distorção tem uma pontuação média mais baixa, indicando perceções mais exatas das relações conjugais.

Além disso, as análises de correlação entre as subescalas das escalas EPOP e EMS apontam para uma validade convergente e divergente adequada. Isso sugere que as escalas estão a medir construtos diferentes, mas relacionados, o que está em consonância com a teoria do perdão e da satisfação conjugal. De acordo com a literatura, a satisfação conjugal está consistentemente associada ao perdão e à qualidade do relacionamento (Fincham et al., 2004; Karremans et al., 2020). Portanto, os resultados da subescala Satisfação estão de encontro à literatura neste domínio.

No que diz respeito à influência das variáveis demográficas, é notável destacar que não se observaram diferenças significativas nas escalas e subescalas com base no género dos participantes, sugerindo que homens e mulheres avaliaram o perdão e a satisfação conjugal de maneira semelhante. Este resultado está em consonância com estudos anteriores, como o de Fehr et al. (2010), que realizou uma abrangente meta-análise e não encontrou diferenças substanciais entre os géneros na disposição para perdoar. Essa uniformidade de atitudes pode ser atribuída a mudanças nas normas de género ao longo do tempo, à medida que homens e mulheres têm vindo a aproximar-se nas suas perceções e atitudes em relação ao perdão (Toussaint & Webb, 2005).

Analisando a situação de coabitação dos inquiridos com um companheiro(a) verificou-se que não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos de participantes que coabitavam e aqueles que não coabitavam. Em outras palavras, não houve evidências estatísticas de que viver quotidianamente com ou sem um companheiro(a) influenciasse as respostas dos participantes nas escalas e subescalas em análise.

Observou-se também que a experiência anterior dos participantes em relacionamentos desempenha um papel importante na sua satisfação conjugal atual, conforme avaliada pela Escala EMS. Os participantes que não tiveram uma relação anterior relataram, em média, maior satisfação conjugal. Isso sugere que a falta de experiências passadas de relacionamento pode influenciar positivamente a forma como as pessoas percebem e avaliam sua satisfação conjugal na relação atual.

Além disso, os resultados também revelaram diferenças semelhantes na subescala de satisfação. Isso pode indicar que a ausência de relacionamentos anteriores pode influenciar de forma positiva a perceção da satisfação conjugal, refletindo em pontuações mais altas na subescala de satisfação da Escala EMS. A ausência de um histórico de relacionamentos anteriores pode criar um cenário no qual os parceiros estão mais focados e entusiásticos em construir uma base sólida para a relação, sem a bagagem emocional de experiências passadas. Essas diferenças significativas sugerem a importância de considerar o histórico de relacionamentos dos indivíduos ao avaliar a sua satisfação conjugal. No entanto, é fundamental notar que, embora essas diferenças sejam estatisticamente significativas, os efeitos são relativamente pequenos.

Quando consideramos a presença de filhos da relação atual, observou-se que não foram identificadas diferenças significativas nas diversas escalas e subescalas. Porém, a presença de filhos da última relação mostrou uma correlação significativa com a subescala Evitação/Ressentimento, indicando que ter filhos pode influenciar a disposição para perdoar em relação a ofensas específicas. Estes resultados são corroborados pela investigação de Fincham et al. (2007) onde se observou que a presença de filhos pode criar stress adicional numa relação, levando a um maior ressentimento e, em alguns casos, a uma menor vontade de perdoar. Este facto pode ser explicado pela procura adicional de tempo e energia que os filhos frequentemente impõem numa relação. A chegada de filhos muitas vezes requer uma reorganização das prioridades e uma adaptação a novas responsabilidades, o que pode criar pressão sobre o relacionamento. Portanto, não é surpreendente que essa pressão adicional esteja associada a um maior ressentimento e, consequentemente, a uma menor disposição para perdoar em relação a ofensas específicas. A presença de filhos em relacionamentos

envolve uma série de dimensões complexas que vão além do simples facto da sua existência. A dinâmica de um relacionamento é profundamente afetada pela chegada de filhos, o que pode desencadear uma série de mudanças nos papéis, expectativas e estilos educativos dos parceiros. Este fenómeno não se limita apenas à influência direta nos níveis de perdão em relação a ofensas específicas, mas também se estende à capacidade de negociar conflitos emergentes e às adaptações que os casais precisam fazer para lidar com as novas responsabilidades parentais. Essa complexidade deve-se, em grande parte, à necessidade de encontrar um equilíbrio entre diferentes estilos educativos, às vezes discordantes, bem como à gestão de desafios logísticos, como a organização do tempo e a distribuição de tarefas. Assim, é natural que a presença de filhos adicione uma camada de complexidade às relações, o que pode influenciar a disposição de perdoar, como observado nas correlações significativas com a subescala Evitação/Ressentimento.

No que diz respeito ao estado civil e ao nível de educação, foi feita uma análise para ver se estes fatores tinham algum impacto nas escalas EPOP (Perdão) e EMS (Satisfação Conjugal). Os resultados não indicaram diferenças significativas nas escalas e subescalas em relação ao estado civil e ao nível de escolaridade dos participantes. Estes resultados podem indicar que, independentemente de estarem casados, solteiros, divorciados ou em outras situações de relacionamento, os participantes avaliaram o perdão e a satisfação conjugal de maneira semelhante. Este fenómeno pode ser explicado pela diversidade das experiências individuais e pelas complexas dinâmicas de relacionamento. Ao longo do tempo o estatuto relacional, como o estado civil, pode ter perdido o peso que outrora tinha na forma como as relações são vivenciadas, tanto pelos próprios indivíduos como pela sociedade em geral. Pode ser que as dinâmicas de relacionamento tenham evoluído ao longo do tempo, tornando-se menos predefinidas pelo estado civil e mais influenciadas por fatores individuais e únicos. Isso poderia explicar a falta de diferenças significativas observadas neste estudo. Além disso, as experiências educacionais dos participantes podem ser bastante variadas em termos de foco, duração e qualidade, o que também pode ter contribuído para a falta de correlações claras com as escalas de perdão e satisfação conjugal. Outros fatores não medidos, como a qualidade do relacionamento, o histórico de relacionamentos passados e as experiências de vida individuais, provavelmente desempenham um papel significativo. Em última análise, esses resultados destacam a necessidade de uma análise mais aprofundada sobre as mudanças nas dinâmicas de relacionamento e o seu impacto nas experiências individuais e sociais das relações.

Adicionalmente, a duração da relação atual revelou uma correlação positiva com a subescala Evitação/Ressentimento, sugerindo que há uma ligação positiva entre a duração de uma relação e a tendência das pessoas em evitar guardar ressentimentos em relação a ofensas passadas. Por outras palavras, quanto mais tempo um casal ou uma relação amorosa existir, mais propensos os indivíduos envolvidos estão a evitar acumular mágoa ou rancor devido a desentendimentos ou situações passadas. Isto pode dever se ao facto de que à medida que uma relação se desenvolve e amadurece, os indivíduos podem aprender a lidar de maneira mais eficaz com os conflitos, talvez adotando estratégias de comunicação mais saudáveis ou adquirindo uma compreensão mais profunda um do outro. Isso pode levar a uma menor acumulação de mágoa e ressentimento, uma vez que as desavenças são abordadas e resolvidas de maneira construtiva ao longo do tempo. Além disso, a confiança e a segurança na relação podem aumentar com a duração, tornando os parceiros menos propensos a guardar rancor por ofensas passadas, uma vez que acreditam na estabilidade e no compromisso do relacionamento. Outros fatores, como a qualidade da comunicação, a capacidade de resolução de conflitos e a satisfação no relacionamento, também desempenham um papel importante na gestão de ressentimentos. Paleari e colaboradores (2005) concluíram que existe uma relação indireta e recíproca entre o perdão e a satisfação conjugal ao longo do tempo, observando que parceiros que estavam mais satisfeitos com o relacionamento eram mais propensos a perdoar o parceiro seis meses depois, uma vez que refletiam menos sobre a ofensa.

Esta correlação positiva indica que, à medida que uma relação se prolonga, as pessoas podem estar mais inclinadas a perdoar ou a não guardar rancor por acontecimentos negativos do passado. Isso pode ser devido ao desenvolvimento de uma maior compreensão mútua, à capacidade de superar conflitos mais facilmente com o tempo, à aprendizagem contínua nas relações ou à tendência de não dar tanta importância a pequenos desentendimentos à medida que a relação se fortalece ao longo do tempo. A intimidade que se desenvolve ao longo do relacionamento também pode desempenhar um papel protetor nesse processo. À medida que os parceiros se tornam mais íntimos, podem estar mais inclinados a não dar tanta importância a pequenos desentendimentos e a focar em aspetos mais significativos da relação.

É importante destacar a constituição do grupo de participantes neste estudo, onde mais de metade deles são indivíduos solteiros. Isso é relevante para a interpretação dos resultados, uma vez que a grande presença de participantes solteiros pode ter influenciado os mesmos. A uniformidade das atitudes em relação ao perdão e à satisfação conjugal entre os diferentes estados civis pode ser, em parte, resultado dessa maioria de participantes

solteiros. Pode-se argumentar que a disposição para perdoar e a satisfação conjugal podem ser influenciadas pelas diferentes dinâmicas presentes em relacionamentos de longo prazo, como o casamento, em comparação com relacionamentos mais curtos ou situações de namoro.

As observações acima descritas ressaltam a importância de considerar as características demográficas dos participantes ao interpretar os resultados e destacam que, em estudos futuros, uma amostra mais diversificada em relação ao estado civil poderia fornecer insights adicionais sobre as influências desses fatores nas atitudes em relação ao perdão e à satisfação conjugal. Quando se fala do nível de educação podemos subentender que independentemente de qual seja, os participantes avaliaram o perdão e a satisfação conjugal de maneira semelhante. Num estudo conduzido por Karremans et al. (2003), não foram encontradas diferenças significativas no perdão com base no estado civil ou no nível de educação, tal como demonstra o presente estudo.

A idade dos inquiridos mostrou correlações significativas com a satisfação conjugal, com idades mais avançadas associadas a menor satisfação. Estes resultados estão alinhados com a ideia de que a satisfação conjugal tende a diminuir ao longo do tempo que está de acordo com a investigação que sugere que a satisfação conjugal pode diminuir com o tempo (Kurdek, 2005). Além disso, a correlação positiva entre a idade e o evitamento/ressentimento é consistente com estudos que observaram uma maior propensão para o evitamento e o ressentimento em relações de longa duração (Fehr et al., 2010).

Em relação à análise de regressão realizada para compreender os fatores que influenciam a satisfação conjugal, encontramos um modelo globalmente significativo, o que sugere que as variáveis idade, perdão e tempo de relação, em conjunto, têm a capacidade de explicar 7.4 % da variação na satisfação conjugal. A idade e a capacidade de perdoar destacaram-se como preditores importantes da satisfação conjugal. Constatamos uma relação negativa entre a idade e a satisfação conjugal, indicando que à medida que os participantes envelhecem, a satisfação tende a diminuir. Além disso, a capacidade de perdoar, representada pela escala EPOP, também mostrou ser um preditor relevante: quanto menor o nível de perdão, menor a satisfação conjugal. Por outro lado, o tempo de relação não demonstrou ser um preditor significativo da satisfação conjugal. Esses resultados sugerem que, no contexto deste estudo, a idade e a capacidade de perdoar desempenham papéis significativos na determinação da satisfação conjugal, enquanto a duração do relacionamento não apresentou uma influência notável.

CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a literatura no domínio, os resultados deste estudo proporcionam uma visão abrangente sobre como o perdão e a satisfação conjugal relacionam-se e como diversas variáveis demográficas podem influenciar esses construtos. Estes resultados têm implicações significativas para a compreensão das dinâmicas das relações românticas e destacam a importância de considerar tanto a teoria do perdão quanto a perceção individual das pessoas sobre as relações. Nomeadamente, os resultados realçam que participantes sem experiência anterior em relacionamentos revelaram maior satisfação conjugal, destacando a influência positiva da ausência de histórico de relacionamentos anteriores, o que pode ser atribuído ao facto de estarem num processo inicial de enamoramento na relação.

É de destacar que a presença de filhos da relação anterior desempenha um papel fundamental na disposição das pessoas em perdoar ofensas conjugais específicas. A duração do relacionamento atual mostrou correlação positiva com a disposição para perdoar, enquanto a idade dos participantes revelou uma ligação com a satisfação conjugal.

Os resultados da análise de regressão apontam para a importância de compreender os fatores que influenciam a satisfação conjugal. Observamos que a idade e a capacidade de perdoar desempenham papéis significativos na determinação da satisfação conjugal, com a idade apresentando uma relação negativa. Além disso, a capacidade de perdoar, representada pela escala EPOP, também demonstrou ser um preditor relevante: quanto menor o nível de perdão, menor a satisfação conjugal, comprovando que numa relação existem diversas variáveis que interferem umas com as outras, uma vez que é um processo complexo. Por outro lado, o tempo de relação não exerceu uma influência notável na satisfação conjugal. Estes resultados enfatizam a necessidade de considerar tanto as dimensões pessoais, como a idade e a capacidade de perdoar, quanto as características do relacionamento na análise da satisfação conjugal.

Este estudo forneceu uma visão valiosa sobre a relação entre o perdão e a satisfação conjugal nas relações românticas. No entanto, é importante reconhecer as limitações inerentes a esta investigação, a fim de interpretar os resultados de forma adequada e fornecer diretrizes claras para investigações futuras.

Assim, existe uma limitação a ter em conta que esta associada à utilização de medidas auto-reportadas. Embora as escalas EPOP e EMS tenham demonstrado uma consistência interna e uma validade convergente e divergente adequadas, existe ainda a possibilidade de

viés de resposta, em que os participantes podem responder de uma forma socialmente apropriada em vez de refletirem os seus verdadeiros sentimentos e comportamentos. Além disso, é importante reconhecer que este estudo explorou principalmente as dimensões do perdão e da satisfação conjugal num contexto específico, nas relações românticas. Uma investigação futura poderia centrar-se na investigação das nuances do perdão e da satisfação em diferentes contextos relacionais, alargando a nossa compreensão destes fenómenos. Neste âmbito, poderia ser realizado um estudo qualitativo para explorar em detalhe as experiências de casais em diferentes tipos de relações conjugais. Entrevistas aprofundadas seriam conduzidas para compreender como o perdão e a satisfação conjugal são vivenciados e influenciados por fatores contextuais, como filhos de relações anteriores, bem como por influências culturais e sociais. Isso ajudaria a enriquecer compreensão sobre as dinâmicas nas relações conjugais e as variações nas perceções do perdão. Seria também fundamental para perceber melhor que tipos de ofensas e que estratégias de conflito são utilizadas.

Outra limitação digna de nota é a natureza transversal deste estudo. Os dados foram recolhidos num único momento, o que impede a identificação de relações de causa e efeito entre o perdão e a satisfação conjugal. As relações dinâmicas ao longo do tempo, podem não ser adequadamente captadas por este método. Assim sendo, no futuro poderão ser exploradas estas relações longitudinalmente, o que permitiria uma compreensão mais profunda da evolução do perdão e da satisfação conjugal ao longo do tempo. Além disso, é relevante destacar que este estudo centrou-se em indivíduos em vez de casais, o que significa que as conclusões se limitam às perceções individuais sobre os relacionamentos, não sendo passíveis de generalização para a dinâmica de casal. Ao estudar apenas um dos parceiros, ficamos com uma visão parcial das interações que ocorrem nos relacionamentos, que inevitavelmente se caracterizam por maior nível de complexidade. Posto isto, as perceções individuais podem variar substancialmente dentro de um casal, o que pode resultar numa representação incompleta das dinâmicas. Assim, é fundamental reconhecer que este estudo oferece insights principalmente sobre as perceções individuais dos relacionamentos românticos, e não permite generalizações abrangentes sobre as relações de casal. Em estudos futuros, a inclusão de ambos o parceiro em investigações deste tipo possibilitaria uma análise mais abrangente das dinâmicas dos relacionamentos amorosos, considerando as distintas perspetivas e interações que ocorrem entre os casais.

Existe uma limitação relacionada com a análise demográfica, que se centrou apenas em algumas variáveis, como o género, o estado civil, a presença de filhos e a idade. Existem outras características demográficas e contextuais que podem influenciar a dinâmica do

perdão e da satisfação conjugal, como a orientação sexual, a etnia, a religião e a situação financeira.

Finalmente, os resultados sugerem que o perdão e a satisfação conjugal são construtos interconectados e que as variáveis demográficas podem influenciar a forma como as pessoas percebem e vivenciam esses aspetos nas suas relações. No entanto, é essencial reconhecer as limitações, incluindo a amostragem de conveniência, a utilização de medidas auto-reportadas e a natureza transversal da investigação. É de notar que existe uma vasta escolha das variáveis demográficas que influenciam o perdão e a satisfação conjugal além das que foram examinadas. Tendo em conta estas limitações, os resultados deste estudo podem servir como um valioso ponto de partida para futuras investigações que procurem aprofundar a nossa compreensão destes aspetos cruciais das relações interpessoais e do bem-estar conjugal.

Uma possível área de intervenção está relacionada com a promoção do perdão nas relações românticas. Os resultados destacam a importância do perdão na satisfação conjugal. Portanto, terapias de casais podem incorporar estratégias para desenvolver a capacidade de perdoar. Isso pode incluir o ensino de habilidades de comunicação eficaz, resolução de conflitos e compreensão das motivações por trás das ações do parceiro. Além disso, a terapia pode ajudar os casais a superar traumas passados e a trabalhar juntos para superar ofensas.

Outra área de intervenção é a educação e apoio a casais, especialmente aqueles que entram em relacionamentos sem experiência anterior. Este estudo revelou que participantes sem histórico de relacionamentos anteriores apresentaram maior satisfação conjugal. Portanto, fornecer orientação e recursos para casais iniciantes pode ser benéfico. Isso pode incluir a educação sobre comunicação eficaz, gerenciamento de expectativas e estratégias para manter um relacionamento saudável.

Além disso, é essencial que futuras pesquisas explorem as nuances do perdão e da satisfação conjugal em diferentes contextos relacionais, incluindo casais de diferentes orientações sexuais, etnias, religiões e situações financeiras. Isso forneceria uma compreensão mais abrangente de como esses fatores demográficos influenciam as dinâmicas dos relacionamentos.

Em resumo, este estudo oferece uma base sólida para a intervenção, enfocando o perdão e a compreensão das dinâmicas nas relações românticas. A pesquisa e a prática clínica podem-se beneficiar ao reconhecer a importância do perdão na promoção de relacionamentos saudáveis e ao desenvolver estratégias para melhorar a capacidade de perdoar. Também é fundamental considerar a diversidade de casais e as influências

demográficas em futuras investigações e intervenções relacionadas a relacionamentos amorosos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aalgaard, R. A., Bolen, R. M., & Nugent, W. R. (2016). A literature review of forgiveness as a beneficial intervention to increase relationship satisfaction in couples therapy. *Journal of human behavior in the social environment, 26*(1), 46–55. https://doi.org/10.1080/10911359.2015.1059166

Abreu-Afonso, J., Ramos, M. M., Queiroz-Garcia, I., & Leal, I. (2022). How couple's relationship lasts over time? A Model for marital satisfaction. *Psychological reports, 125*(3), 1601–1627. https://doi.org/10.1177/00332941211000651

Allemand, M., Amberg, I., Zimprich, D., & Fincham, F. D. (2007). The role of trait forgiveness and relationship satisfaction in episodic forgiveness. *Journal of social and clinical psychology, 26*(2), 199217. https://doi.org/10.1521/jscp.2007.26.2.199

Almeida, L. & Freire, T. (2000). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Psiquilíbrios.

Andrade, A. L., Garcia, A., & Cano, D. S.. (2009). Preditores da satisfação global em relacionamentos românticos. *Psicologia: Teoria e prática, 11*(3), 143-156.

Brady, D. L., Saldanha, M. F., & Barclay, L. J. (2022). Conceptualizing forgiveness: a review and path forward. *Journal of organizational behavior*, 1-36. https://doi.org/10.1002/job.2632

Braithwaite, S. R., Selby, E. A., & Fincham, F. D. (2011). Forgiveness and relationship satisfaction: Mediating mechanisms. *Journal of family psychology, 25*, 551-559. http://dx.doi.org/10.1037/a0024526

Burr, W. R., Marks, L. D., & Day, R. D. (2012). *Sacred matters: Religion and spirituality in families*. Routledge

Buthello, E., & Chadha, N. (2021). Relationship between relational humility, forgiveness, and relationship satisfaction in married individuals. *The International journal of Indian psychology, 9*(3), 1084-1090. DOI: 10.25215/0903.099

Claxton, A., O'Rourke, N., Smith, J. Z., & DeLongis, A. (2012). Personality traits and marital satisfaction within enduring relationships: An intra-couple discrepancy approach. *Journal of*

social and personal relationships, 29(3), 375–396. https://doi.org/10.1177/0265407511431183

Collins, W. A., Welsh, D. P., & Furman, W. (2009). Adolescent romantic relationships. *Annual Review of Psychology, 60*, 631-652. http://dx.doi.org/10.1146/annurev.psych.60.110707.163459

David, P., & Stafford, L. (2015). A relational approach to religion and spirituality in marriage: The role of couples' religious communication in marital satisfaction. *Journal of family issues, 36*(2), 232249. https://doi.org/10.1177/0192513X13485922

Donnellan, M. B., Conger, R. D., & Bryant, C. M. (2004). The Big Five and enduring marriages. *Journal of research in personality, 38*(5), 481–504. https://doi.org/10.1016/j.jrp.2004.01.001

Enright, R. D. (1996). The psychology of interpersonal forgiveness. In *Forgiveness is a choice (pp. 1-15)*. American Psychological Association

Enright, R. D. (2001). *Forgiveness is a choice: A step-by-step process for resolving anger and restoring hope.* American Psychological Association.

Enright, R. D. and Fitzgibbons, R. P. (2000). *Helping clients forgive: An empirical guide for resolving anger and restoring hope*. American Psychological Association

Enright, R. D., & Fitzgibbons, R. P. (2015). *Forgiveness therapy: An empirical guide for resolving anger and restoring hope*. American Psychological Association. https://doi.org/10.1037/14526-000

Enright, R. D., Freedman, S. R., & Rique, J. (1998). The Psychology of interpersonal forgiveness. In R. D. Enright, & J. North (Eds.), *Exploring forgiveness (pp. 46-62)*. University of Wisconsin Press

Enright, R., & The Human Development Study Group. (1991). The moral development of forgiveness. In W. Kurtines & J. Gewirtz (Eds.), *Handbook of moral behavior and development (pp. 123–152)*. Erlbaum

Evans, J. R., & Mathur, A. (2005). The value of online surveys. *Internet Research*, *15*(2), 195–219. https://doi.org/10.1108/10662240510590360

Exline, J. J., Worthington, E. L., Jr, Hill, P., & McCullough, M. E. (2003). Forgiveness and justice: a research agenda for social and personality psychology. *Personality and social psychology review: An official journal of the Society for Personality and Social Psychology, 7*(4), 337–348. https://doi.org/10.1207/S15327957PSPR0704_06

Fehr, R., Gelfand, M. J., & Nag, M. (2010). The road to forgiveness: a meta-analytic synthesis of its situational and dispositional correlates. *Psychological bulletin, 136*(5), 894–914. https://doi.org/10.1037/a0019993

Fincham, F. D. (2010). Forgiveness: Integral to a science of close relationships? In M. Mikulincer & P. R. Shaver (Eds.), *Prosocial motives, emotions, and behavior: The better angels of our nature (pp. 347–365)*. American Psychological Association. https://doi.org/10.1037/12061-018

Fincham, F. D. (2020). Forgiveness in marriage. In E. L. Worthington, Jr. & N. G. Wade (Eds.), *Handbook of forgiveness* (pp. 142–152). Routledge/Taylor & Francis Group. https://doi.org/10.4324/9781351123341-14

Fincham, F. D., & Beach, S. R. H. (2007). Forgiveness and marital quality: Precursor or consequence in well-established relationships? The *journal of positive psychology, 2*(4), 260268. https://doi.org/10.1080/17439760701552360

Fincham, F. D., & Beach, S. R. H. (2010). Marriage in the new millennium: A decade in review. *Journal of marriage and family, 72*(3), 630–649. https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2010.00722.x

Fincham, F. D., & Linfield, K. J. (1997). A new look at marital quality: Can spouses feel positive and negative about their marriage? *Journal of family psychology, 11*(4), 489–502. https://doi.org/10.1037/0893-3200.11.4.489-502

Fincham, F. D., Beach, S. R., & Davila, J. (2007). Longitudinal relations between forgiveness and conflict resolution in marriage. *Journal of family psychology, 21*(3), 542–545. https://doi.org/10.1037/0893-3200.21.3.542

Fincham, F. D., Hall, J., & Beach, S. R. H. (2006). Forgiveness in marriage: *Current status and future directions. Family relations, 55*(4), 415-427. https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2005.callf.x-i1

Fincham, F. D., Paleari, F. G., & Regalia, C. (2002). Forgiveness in marriage: The role of relationship quality, attributions, and empathy. *Personal relationships, 9*(1), 2737. https://doi.org/10.1111/1475-6811.00002

Finkel, E. J., Rusbult, C. E., Kumashiro, M., & Hannon, P. A. (2002). Dealing with betrayal in close relationships: Does commitment promote forgiveness? *Journal of personality & social psychology, 82*(6), 956974. https://doi.org/10.1037//0022-3514.82.6.956

Fowers, B. J., & Olson, D. H. (1993). ENRICH Marital Satisfaction Scale: A brief research and clinical tool. *Journal of Family Psychology*, *7*(2), 176–185. https://doi.org/10.1037/0893-3200.7.2.176

Fortin, M. (2009). *O Fundamentos e Etapas no Processo de Investigação.* Lusodidacta.

Galton, F. (1889). Natural Inheritance. Macmillan and Co.

Gordon, K. C., Hughes, F. M., Tomcik, N. D., Dixon, L. J., & Litzinger, S. C. (2009). Widening spheres of impact: The role of forgiveness in marital and family functioning. *Journal of family psychology, 23*(1), 1–13. https://doi.org/10.1037/a0014354

Gottman, J. M., & Levenson, R. W. (1985). A valid procedure for obtaining self-report of affect in marital interaction. *Journal of consulting and clinical psychology, 53*(2), 151–160. https://doi.org/10.1037//0022-006x.53.2.151

Gottman, J. M., & Levenson, R. W. (2002). A two-factor model for predicting when a couple will divorce: exploratory analyses using 14-year longitudinal data. *Family process, 41*(1), 83–96. https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2002.40102000083.x

Gottman, J. M., & Silver, N. (1999). *The seven principles for making marriage work*. Crown Publishers

Gottman, J., & Gottman, J. (2017). The theory of love: A biological and evolutionary account. In J. Harvey, A. Wenzel, & S. Sprecher (Eds.), *Handbook of the psychology of relationships* (pp. 33-50). Psychology Press

Greenberg, L., Warwar, S., & Malcolm, W. (2010). Emotion-focused couples therapy and the facilitation of forgiveness. *Journal of marital and family therapy, 36*(1), 28–42. https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2009.00185.x

Guimarães, A. J. (2019). O *perdão como estratégia de resolução de conflitos em relações de intimidade: Uma revisão sistemática da literatura*. Dissertação apresentada no Mestrado Integrado em Psicologia, área de Psicologia Clínica e da Saúde, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

Hall, J. H., & Fincham, F. D. (2006). Relationship dissolution following infidelity: The roles of attributions and forgiveness. *Journal of social and clinical psychology, 25*(5), 508–522. https://doi.org/10.1521/jscp.2006.25.5.508

Hayes, S. C., Strosahl, K. D., & Wilson, K. G. (1999). *Acceptance and commitment therapy: An experiential approach to behavior change.* Guilford Press

Jacobson, N. S., & Christensen, A. (1996). *Integrative couple therapy: Promoting acceptance and change*. W. W. Norton & Co.

Johnson, D. J., & Rusbult, C. E. (1989). Resisting temptation: Devaluation of alternative partners as a means of maintaining commitment in close relationships. *Journal of personality and social psychology, 57*(6), 967–980. https://doi.org/10.1037/0022-3514.57.6.967

Johnson, M. D., & Anderson, J. R. (2013). The longitudinal association of marital confidence, time spent together, and marital satisfaction. *Family process, 52*(2), 244–256. https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2012.01417.x

Johnson, M. D., Cohan, C. L., Davila, J., Lawrence, E., Rogge, R. D., Karney, B. R., Sullivan, K. T., & Bradbury, T. N. (2005). Problem-solving skills and affective expressions as predictors of change in marital satisfaction. *Journal of consulting and clinical psychology, 73*(1), 15–27. https://doi.org/10.1037/0022-006x.73.1.15

Kaleta, K., & Mróz, J. (2018). Forgiveness and life satisfaction across different age groups in adults. *Personality and individual differences, 120*, 17-23. https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.08.008

Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (2020). Research on marital satisfaction and stability in the 2010s: Challenging conventional wisdom. *Journal of marriage and the family, 82*(1), 100–116. https://doi.org/10.1111/jomf.12635

Karremans, J. C., van Schie, H. T., van Dongen, I., Kappen, G., Mori, G., van As, S., ten Bokkel, I. M., & van der Wal, R. C. (2020). Is mindfulness associated with interpersonal forgiveness? *Emotion, 20*(2), 296–310. https://doi.org/10.1037/emo0000552

Kurdek, L. A. (2005). What do we know about gay and lesbian couples? Current Directions in Psychological Science, 14(5), 251-254.

Lawless, J. L., & Anderson, R. A. (2011). Social, cultural, and individual influences on the experience of forgiveness: A review of the literature. *Journal of social and clinical psychology, 30*(7), 751-777

Leal, A. (2020). *Características psicométricas da versão portuguesa da Escala de Satisfação Marital ENRICH* [Master's thesis]. Sapientia – Repositório da Universidade do Algarve. http://hdl.handle.net/10400.1/15302

Li, T., & Fung, H. H. (2011). The dynamic goal theory of marital satisfaction. *Review of general psychology, 15*(3), 246–254. https://doi.org/10.1037/a0024694

Luskin, F. (1999). *Forgive for good: A proven prescription for health and happiness*. Harper Collins

Macaskill, A. (2012). Differentiating dispositional self-forgiveness from other-forgiveness: Associations with mental health and life satisfaction. *Journal of social and clinical psychology, 31*(1), 28–50. https://doi.org/10.1521/jscp.2012.31.1.28

Markman, H.J., Stanley, S.M., & Blumberg, S.L. (2010). *Fighting for your marriage: Positive steps for preventing divorce and preserving a lasting love*. John Wiley & Sons

McCullough, M. E., & Hoyt, W. T. (2002). Vengeance is mine: A psychological perspective on the desire for revenge. *Review of general psychology, 6*(3), 262-290

McCullough, M. E., Bono, G., & Root, L. M. (2007). Rumination, emotion, and forgiveness: Three longitudinal studies. *Journal of personality and social psychology, 92*(3), 490–505. https://doi.org/10.1037/0022-3514.92.3.490

McCullough, M. E., Pargament, K. I., & Thoresen, C. E. (Eds.). (2000). *Forgiveness: Theory, research, and practice*. Guilford Press

McCullough, M. E., Rachal, K. C., Sandage, S. J., Worthington, E. L., Jr., Brown, S. W., & Hight, T. L. (1998). Interpersonal forgiving in close relationships: II. Theoretical elaboration and measurement. *Journal of personality and social psychology, 75*(6), 1586–1603. https://doi.org/10.1037/0022-3514.75.6.1586

McCullough, M. E., Worthington, E. L., Jr., & Rachal, K. C. (1997). Interpersonal forgiving in close relationships. *Journal of personality and social psychology, 73*(2), 321–336. https://doi.org/10.1037/0022-3514.73.2.321

Mendes-Teixeira, A. I., & Duarte, C. (2021). Perdão e satisfação conjugal: Uma revisão sistemática. Psicologia: *Ciência e profissão, 41*(3), 1-18. https://doi.org/10.1590/1982-3703003200730

Miller, K. J. (2015). The psychological benefits of forgiving. In A. Zacharatos, J. Barling, & J. I. D. Allen (Eds.), Forgiv*eness and well-being: The psychology of forgiving (pp. 31-51)*. Springer

Myung-Sun, C. (2014). Pathways between attachment and marital satisfaction: The mediating roles of rumination, empathy, and forgiveness. *Personality & individual differences, 70*, 246251. https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.06.032

Narciso, I. & Costa, M. E. (1996). Amores satisfeitos, mas não perfeitos. *Cadernos de consulta psicológica, 12,* 115-130

Narciso, I. (2001). *Conjugalidades satisfeitas mas não perfeitas – À procura do padrão que liga*. Tese de Doutoramento em Psicologia. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Narciso, I., & Ribeiro, M. (2009). *Olhares sobre a conjugalidade*. Coisas de ler

Olson, J. R., Marshall, J. P., Goddard, H. W., & Schramm, D. G. (2015). Shared religious beliefs, prayer, and forgiveness as predictors of marital satisfaction. *Family relations, 64*(4), 519533. https://doi.org/10.1111/fare.12129

Paleari, F. G., Regalia, C., & Fincham, F. D. (2005). Marital quality, forgiveness, empathy, and rumination: A longitudinal analysis. *Personality and social psychology bulletin, 31*(3), 368378. https://doi.org/10.1177/0146167204271597

Paleari, F. G., Regalia, C., & Fincham, F. D. (2009). Measuring offence-specific forgiveness in marriage: The Marital Offence-Specific Forgiveness Scale (MOFS). *Psychological Assessment, 21*(2), 194–209. https://doi.org/10.1037/a0016068

Paleari, F. G., Regalia, C., & Fincham, F. D. (2010). Forgiveness and conflict resolution in close relationships: Within and cross partner effects. *Universitas psychologica, 9*(1), 35–56

Paleari, F. G., Regalia, C., & Fincham, F. D. (2011). Inequity in forgiveness: Implications for personal and relational well-being. *Journal of social and clinical psychology, 30*(3), 297–324. https://doi.org/10.1521/jscp.2011.30.3.297

Pansera, C., & La Guardia, J. (2012). The role of sincere amends and perceived partner responsiveness in forgiveness. *Personal relationships, 19*(4), 696711. https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2011.01386.x

Patrick, S., Beckenbach, J., Sells, J., & Reardon, R. F. (2013). An empirical investigation into justice, grace, and forgiveness: Paths to relationship satisfaction. *Family journal, 21*(2), 146153. https://doi.org/10.1177/1066480712466540

Pearson, K. (1895). Contributions to the Mathematical Theory of Evolution. Philosophical Transactions of the Royal Society of London. Series A, Containing Papers of a Mathematical or Physical Character, 186, 343-414.

Pelucchi, S., Paleari, F. G., Regalia, C., & Fincham, F. D. (2013). Self-forgiveness in romantic relationships: It matters to both of us. *Journal of family psychology, 27*(4), 541549. https://doi.org/10.1037/a0032897

Pérez, A. I. & Estrada, C. S. (2006). Intimidad y comunicacíon en cuatro etapas de la. vida de pareja: Su relacíon com la satisfacíon marital. *Archivos hispanoamericanos de sexologia, 12*(2), 133-163

Riek, B. M. (2010). Transgressions, guilt, and forgiveness: A model of seeking forgiveness. *Journal of psychology and theology, 38*(4), 246–254. https://doi.org/10.1177/009164711003800402

Rique, J., & Camino, C. P. S. (2009). O perdão interpessoal em relação a variáveis psicossociais e demográficas. *Psicologia: reflexão e crítica, 23*(3), 525532. https://doi.org/10.1590/S0102-79722010000300013

Roberts, K., Jaurequi, M. E., Kimmes, J. G., & Selice, L. (2021). Trait mindfulness and relationship satisfaction: The role of forgiveness among couples. *Journal of marital and family therapy, 47*(1), 196–207. https://doi.org/10.1111/jmft.12440

Rusbult, C. E., & Van Lange, P. A. (2003). Interdependence, interaction, and relationships. *Annual review of psychology, 54*, 351–375. https://doi.org/10.1146/annurev.psych.54.101601.145059

Rusbult, C. E., Hannon, P. A., Stocker, S. L., & Finkel, E. J. (2005). Forgiveness and relational repair. In E. L. Worthington Jr. (Ed.), *Handbook of forgiveness (pp. 185-205)*. Routledge

Şahan, B. (2021). Does forgiveness affect marital satisfaction? *Spiritual psychology and counseling, 6*(3), 83–108. https://dx.doi.org/10.37898/spc.2021.6.3.146

Sandilya, G., & Shahnawaz, G. (2014). Willingness to forgive the spouse: A qualitative study. *Psychological studies, 59*(4), 413–418. https://doi.org/10.1007/s12646-014-0277-3

Schmidt, C. D., Luquet, W., & Gehlert, N. C. (2016). Evaluating the impact of the "Getting the love you want" couples workshop on relational satisfaction and communication patterns. *Journal of couple & relationship therapy, 15*(1), 1–18. https://doi.org/10.1080/15332691.2014.978061

Schumann, K. (2012). Does love mean never having to say you're sorry? Associations between relationship satisfaction, perceived apology sincerity, and forgiveness. *Journal of social & personal relationships, 29*(7), 9971010. https://doi.org/10.1177/0265407512448277

Sells, J. N., Giordano, F. G., & King, L. (2002). A pilot study in marital group therapy: Process and outcome. *The family journal, 10*(2), 156–166. https://doi.org/10.1177/1066480702102005

Stein, J. M., & Miller, N. S. (2019). Individual differences in apology acceptance and forgiveness: The influence of handedness. *Laterality, 24*(5), 559–581. https://doi.org/10.1080/1357650X.2018.1551405

Stephen C., & Raj, S. (2014). U-shaped curve of marital satisfaction: An Indian scenario. *Research Horizons, 4*, 176–183

Strabbing, J. T. (2020) Forgiveness and reconciliation. Australasian journal of philosophy, 98(3), 531-545. DOI: 10.1080/00048402.2019.1687532

Thompson, L. Y. (1998). Women, men, and marital quality. *Journal of family psychology, 2*(1), 95100. https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/h0080478

Thompson, L. Y., & Snyder, C. R. (2019). Forgiveness. In M. W. Gallagher & S. J. Lopez (Eds.), *Positive psychological assessment: A handbook of models and measures (pp. 285–303)*. American Psychological Association. https://doi.org/10.1037/0000138-018

Thompson, L. Y., Snyder, C., Hoffman, L., Michael, S. T., Rasmussen, H. N., Billings, L. S., Heinze, L., Neufeld, J. E., Shorey, H. S., Roberts, J. C., & Roberts, D. E. (2005). Dispositional forgiveness of self, others, and situations. *Journal of personality, 73*(2), 313360. https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.2005.00311.x

Toussaint, L., & Webb, J. R. (2005). Gender differences in the relationship between empathy and forgiveness. *The Journal of Social Psychology, 145*(6), 673-685.

Vanassche, S., Swicegood, G., & Matthijs, K. (2013). Marriage and children as a key to happiness? Cross-national differences in the effects of marital status and children on well-being. *Journal of Happiness studies: an interdisciplinary forum on subjective well-being, 14*(2), 501–524. https://doi.org/10.1007/s10902-012-9340-8

Vilelas, J. (2009). *Investigação: o processo de construção do conhecimento.* Lisboa: Edições Sílabo.

Wade, N. G., Hoyt, W. T., Kidwell, J. E. M., & Worthington, E. L. (2014). Efficacy of psychotherapeutic interventions to promote forgiveness: *A meta-analysis. Journal of consulting and clinical psychology, 82*(1), 154–170. https://doi.org/10.1037/a0035268.

Wade, T. J., & Pevalin, D. J. (2004). Marital transitions and mental health. *Journal of health and social behavior, 45*(2), 155–170. https://doi.org/10.1177/002214650404500203

Waldron, V. R., & Kelley, D. L. (2008). *Communicating forgiveness*. Sage

Whisman, M. A. (2007). Marital distress and DSM-IV psychiatric disorders in a population-based national survey. *Journal of abnormal psychology, 116*(3), 638–643. https://doi.org/10.1037/0021-843X.116.3.638

Whisman, M. A., & Delinsky, S. S. (2002). Marital satisfaction and an information-processing measure of partner-schemas. *Cognitive therapy and research, 26*, 617-627. http://dx.doi.org/10.1023/A:1020305226067

Whisman, M. A., & Jacobson, N. S. (1989). Depression, marital satisfaction, and marital and personality measures of sex roles. *Journal of marital and family therapy, 15*(2), 177–186. https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.1989.tb00797.x

Whisman, M. A., & Uebelacker, L. A. (2012). A longitudinal investigation of marital adjustment as a risk factor for metabolic syndrome. *Health psychology, 31*(1), 80–86. https://doi.org/10.1037/a0025671

Worthington, E. (2005). Five steps of forgive and reconciliation: A research-based model. In M. E. McCullough, K. I. Pargament & C. E. Thoresen (Eds.), *Forgiveness: Theory, research, and practice (pp. 97-110)*. Guilford Press.

Worthington, E. (1998). Dimensions of forgiveness: Psychological research and theological perspectives. In *Forgiveness and reconciliation: Psychological pathways to conflict transformation and peace-building (pp. 23-56)*. Taylor & Francis.

Worthington, E. (2006). *Forgiveness and reconciliation: Theory and application*. Psychology Press.

Worthington, E., (2015). Forgiveness and related constructs. In A. Zacharatos, J. Barling, & J. I. D. Allen (Eds.), *Forgiveness and well-being: The psychology of forgiving (pp. 3-30)*. Routledge

Worthington, E., Brown, E., & McConnell, J. (2019). Forgiveness in committed couples: Its synergy with humility, justice, and reconciliation. *Religions, 10*(1), 13. https://doi.org/10.3390/rel10010013

Worthington, E., Witvliet, C. V., Pietrini, P., & Miller, A. J. (2007). Forgiveness, health, and well-being: a review of evidence for emotional versus decisional forgiveness, dispositional forgivingness, and reduced unforgiveness. *Journal of behavioral medicine, 30*(4), 291–302. https://doi.org/10.1007/s10865-007-9105-8

ANEXOS

Anexo 1 – Tabelas de Análise

1. Analise de escalas

Tabela 1 - Estatística de confiabilidade EPOP

Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	Alfa de Cronbach com base em itens padronizados	N de itens
,553	,562	10

Tabela 2 - Estatística de confiabilidade Evitamento/Ressentimento

Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	Alfa de Cronbach com base em itens padronizados	N de itens
,767	,769	6

Tabela 3- - Estatística de item de resumo Evitamento/Ressentimento

Estatísticas de item de resumo

	Média	Mínimo	Máximo	Intervalo	Máximo / Mínimo	Variância	N de itens
Médias de item	2,884	2,436	3,755	1,319	1,541	,287	6

Tabela 4 - Estatística de confiabilidade Benevolência

Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	Alfa de Cronbach com base em itens padronizados	N de itens
,765	,767	4

Tabela 5- Estatística de de item de resumo Benevolência

Estatísticas de item de resumo

	Média	Mínimo	Máximo	Intervalo	Máximo / Mínimo	Variância	N de itens
Médias de item	3,921	3,489	4,348	,858	1,246	,178	4

Tabela 6- Teste de Normalidade

Testes de Normalidade

	Kolmogorov-Smirnov[a]			Shapiro-Wilk		
	Estatística	df	Sig.	Estatística	df	Sig.
Evitação/Ressentimento	,063	282	,010	,984	282	,004
Benevolência	,105	282	,000	,971	282	,000
Escala MOFS	,079	282	,000	,972	282	,000

[a]. Correlação de Significância de Lilliefors

Tabela 7- Estatística de confiabilidade EMS

Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	Alfa de Cronbach com base em itens padronizados	N de itens
,904	,907	12

Tabela 8- Estatística de item de resumo EMS

Estatísticas de item de resumo

	Média	Mínimo	Máximo	Intervalo	Máximo / Mínimo	Variância	N de itens
Médias de item	3,821	2,990	4,236	1,245	1,416	,114	12

Tabela 9- Estatística de confiabilidade Satisfação

Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	Alfa de Cronbach com base em itens padronizados	N de itens
,835	,834	7

Tabela 10- Estatística de item de resumo Satisfação

Estatísticas de item de resumo

	Média	Mínimo	Máximo	Intervalo	Máximo / Mínimo	Variância	N de itens
Médias de item	3,959	3,619	4,238	,619	1,171	,040	7

Tabela 11- Estatística de confiabilidade Distorção

Estatísticas de confiabilidade

Alfa de Cronbach	Alfa de Cronbach com base em itens padronizados	N de itens
,800	,811	5

Tabela 12- Estatística de item de resumo Distorção

Estatísticas de item de resumo

	Média	Mínimo	Máximo	Intervalo	Máximo / Mínimo	Variância	N de itens
Médias de item	3,496	2,882	3,914	1,033	1,358	,152	5
Variâncias de item	1,606	1,038	2,137	1,099	2,059	,215	5

Tabela 13- Teste de Normalidade

Testes de Normalidade

	Kolmogorov-Smirnov[a]			Shapiro-Wilk		
	Estatística	gl	Sig.	Estatística	gl	Sig.
EMS	,109	208	<,001	,933	208	<,001

[a]. Correlação de Significância de Lilliefors

Tabela 14- Estatísticas descritas (Correlação)

Estatísticas Descritivas

	Média	Desvio Padrão	N
EMS	3,8213	,83180	208
MOFS	3,2986	,67487	282
ER	2,8836	1,02439	282
B	3,9211	1,16470	282
Sat	3,9588	,79351	239
Dis	3,4963	,94428	245

Tabela 15- Correlações entre escalas e subescalas

Correlações

		EMS	MOFS	ER	B	Sat	Dis
EMS	Correlação de Pearson	1	-,247**	-,494**	,279**	,965**	,945**
	Sig. (2 extremidades)		<,001	<,001	<,001	<,001	<,001
	N	208	208	208	208	208	208
MOFS	Correlação de Pearson	-,247**	1	,743**	,469**	-,243**	-,234**
	Sig. (2 extremidades)	<,001		<,001	<,001	<,001	<,001
	N	208	282	282	282	239	245
ER	Correlação de Pearson	-,494**	,743**	1	-,243**	-,445**	-,495**
	Sig. (2 extremidades)	<,001	<,001		<,001	<,001	<,001
	N	208	282	282	282	239	245
B	Correlação de Pearson	,279**	,469**	-,243**	1	,230**	,305**
	Sig. (2 extremidades)	<,001	<,001	<,001		<,001	<,001
	N	208	282	282	282	239	245
Sat	Correlação de Pearson	,965**	-,243**	-,445**	,230**	1	,826**
	Sig. (2 extremidades)	<,001	<,001	<,001	<,001		<,001
	N	208	239	239	239	239	208
Dis	Correlação de Pearson	,945**	-,234**	-,495**	,305**	,826**	1
	Sig. (2 extremidades)	<,001	<,001	<,001	<,001	<,001	
	N	208	245	245	245	208	245

**. A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

2. Analise comparativa e correlacional

Tabela 16 - Teste de Normalidade

Testes de Normalidade

	Kolmogorov-Smirnov[a]			Shapiro-Wilk		
	Estatística	df	Sig.	Estatística	df	Sig.
Evitação/Ressentimento	,069	208	,019	,979	208	,004
Benevolência	,113	208	,000	,962	208	,000
Escala MOFS	,095	208	,000	,972	208	,000
Satisfação	,129	208	,000	,912	208	,000
Distorção	,129	208	,000	,949	208	,000
EMS	,109	208	,000	,933	208	,000

a. Correlação de Significância de Lilliefors

Tabela 17- Estatísticas de grupo para o género

Estatísticas de grupo

	Género	N	Média	Erro Desvio	Erro padrão da média
Evitação/Ressentimento	Feminino	238	2,8599	1,03931	,06737
	Masculino	44	3,0114	,94034	,14176
Benevolência	Feminino	238	3,9170	1,19055	,07717
	Masculino	44	3,9432	1,02564	,15462
Escala MOFS	Feminino	238	3,2828	,68836	,04462
	Masculino	44	3,3841	,59648	,08992
Satisfação	Feminino	202	3,9993	,77640	,05463
	Masculino	37	3,7375	,85880	,14119
Distorção	Feminino	204	3,5147	,96479	,06755
	Masculino	41	3,4049	,83963	,13113
EMS	Feminino	174	3,8602	,82569	,06260
	Masculino	34	3,6225	,84692	,14525

Tabela 18- Teste t student para género

Teste de amostras independentes

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
									95% Intervalo de Confiança da Diferença	
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média	Erro padrão de diferença	Inferior	Superior
Evitação/Ressentimento	Variâncias iguais assumidas	1,380	,241	-,900	280	,369	-,15142	,16816	-,48244	,17960
	Variâncias iguais não assumidas			-,965	64,023	,338	-,15142	,15695	-,46497	,16213
Benevolência	Variâncias iguais assumidas	1,301	,255	-,137	280	,891	-,02617	,19146	-,40305	,35072
	Variâncias iguais não assumidas			-,151	66,344	,880	-,02617	,17281	-,37116	,31883
Escala MOFS	Variâncias iguais assumidas	,317	,574	-,915	280	,361	-,10132	,11078	-,31938	,11675
	Variâncias iguais não assumidas			-1,009	66,055	,317	-,10132	,10038	-,30174	,09910
Satisfação	Variâncias iguais assumidas	,466	,496	1,855	237	,065	,26184	,14118	-,01628	,53996
	Variâncias iguais não assumidas			1,730	47,395	,090	,26184	,15139	-,04264	,56632
Distorção	Variâncias iguais assumidas	2,947	,087	,679	243	,498	,10983	,16179	-,20887	,42852
	Variâncias iguais não assumidas			,745	63,169	,459	,10983	,14750	-,18492	,40458
EMS	Variâncias iguais assumidas	,037	,849	1,528	206	,128	,23760	,15547	-,06891	,54411
	Variâncias iguais não assumidas			1,502	46,093	,140	,23760	,15816	-,08074	,55594

Tabela 19- Tamanhos de efeitos de amostras independentes para género

Tamanhos de efeitos de amostras independentes

		Padronizador[a]	Estimativa de ponto	Intervalo de Confiança 95%	
				Inferior	Superior
Evitação/Ressentimento	d de Cohen	1,02473	-,148	-,469	,174
	Correção de Hedges	1,02749	-,147	-,468	,174
	Delta do vidro	,94034	-,161	-,484	,163
Benevolência	d de Cohen	1,16674	-,022	-,344	,299
	Correção de Hedges	1,16987	-,022	-,343	,298
	Delta do vidro	1,02564	-,026	-,347	,296
Escala MOFS	d de Cohen	,67506	-,150	-,472	,172
	Correção de Hedges	,67688	-,150	-,471	,171
	Delta do vidro	,59648	-,170	-,493	,155
Satisfação	d de Cohen	,78947	,332	-,020	,683
	Correção de Hedges	,79198	,331	-,020	,681
	Delta do vidro	,85880	,305	-,055	,660
Distorção	d de Cohen	,94533	,116	-,220	,452
	Correção de Hedges	,94826	,116	-,219	,450
	Delta do vidro	,83963	,131	-,207	,467
EMS	d de Cohen	,82912	,287	-,082	,655
	Correção de Hedges	,83216	,286	-,082	,652
	Delta do vidro	,84692	,281	-,095	,652

a. O denominador usado na estimativa dos tamanhos dos efeitos.

O d de Cohen usa o desvio padrão agrupado.

A correção de Hedges usa o desvio padrão agrupado, além de um fator de correção.

Tabela 20- Estatísticas de grupo para coabitação

Estatísticas de grupo

	Coabita com o seu/sua companheiro/a ?	N	Média	Erro Desvio	Erro padrão da média
Evitação/Ressentimento	Não	95	2,8140	,95800	,09829
	Sim	187	2,9189	1,05726	,07731
Benevolência	Não	95	3,9579	1,18088	,12116
	Sim	187	3,9024	1,15913	,08476
Escala MOFS	Não	95	3,2716	,62427	,06405
	Sim	187	3,3123	,70039	,05122
Satisfação	Não	79	3,9837	,82637	,09297
	Sim	160	3,9464	,77913	,06160
Distorção	Não	84	3,5524	,96474	,10526
	Sim	161	3,4671	,93513	,07370
EMS	Não	70	3,8833	,86153	,10297
	Sim	138	3,7899	,81769	,06961

Tabela 21- Teste t student para coabitação

Teste de amostras independentes

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
									95% Intervalo de Confiança da Diferença	
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média	Erro padrão de diferença	Inferior	Superior
Evitação/Ressentimento	Variâncias iguais assumidas	1,130	,289	-,812	280	,417	-,10486	,12914	-,35907	,14935
	Variâncias iguais não assumidas			-,839	206,380	,403	-,10486	,12505	-,35140	,14168
Benevolência	Variâncias iguais assumidas	,000	,993	,378	280	,706	,05549	,14697	-,23381	,34479
	Variâncias iguais não assumidas			,375	186,019	,708	,05549	,14786	-,23622	,34719
Escala MOFS	Variâncias iguais assumidas	1,129	,289	-,478	280	,633	-,04072	,08514	-,20832	,12688
	Variâncias iguais não assumidas			-,497	209,386	,620	-,04072	,08201	-,20239	,12095
Satisfação	Variâncias iguais assumidas	,070	,792	,341	237	,733	,03730	,10932	-,17806	,25265
	Variâncias iguais não assumidas			,334	147,553	,739	,03730	,11153	-,18310	,25769
Distorção	Variâncias iguais assumidas	,063	,802	,670	243	,503	,08530	,12724	-,16533	,33593
	Variâncias iguais não assumidas			,664	163,890	,508	,08530	,12850	-,16842	,33902
EMS	Variâncias iguais assumidas	,001	,974	,765	206	,445	,09348	,12218	-,14740	,33436
	Variâncias iguais não assumidas			,752	132,528	,453	,09348	,12429	-,15237	,33933

Tabela 22- Tamanhos de efeitos de amostras independentes para coabitação

Tamanhos de efeitos de amostras independentes

				Intervalo de Confiança 95%	
		Padronizador[a]	Estimativa de ponto	Inferior	Superior
Evitação/Ressentimento	d de Cohen	1,02501	-,102	-,349	,145
	Correção de Hedges	1,02776	-,102	-,348	,144
	Delta do vidro	1,05726	-,099	-,346	,148
Benevolência	d de Cohen	1,16648	,048	-,199	,294
	Correção de Hedges	1,16961	,047	-,199	,294
	Delta do vidro	1,15913	,048	-,199	,295
Escala MOFS	d de Cohen	,67579	-,060	-,307	,187
	Correção de Hedges	,67761	-,060	-,306	,186
	Delta do vidro	,70039	-,058	-,305	,189
Satisfação	d de Cohen	,79499	,047	-,223	,316
	Correção de Hedges	,79751	,047	-,222	,315
	Delta do vidro	,77913	,048	-,222	,317
Distorção	d de Cohen	,94535	,090	-,174	,354
	Correção de Hedges	,94828	,090	-,173	,353
	Delta do vidro	,93513	,091	-,173	,355
EMS	d de Cohen	,83263	,112	-,176	,400
	Correção de Hedges	,83568	,112	-,175	,398
	Delta do vidro	,81769	,114	-,174	,402

[a]. O denominador usado na estimativa dos tamanhos dos efeitos.

O d de Cohen usa o desvio padrão agrupado.

A correção de Hedges usa o desvio padrão agrupado, além de um fator de correção.

O delta de Glass usa o desvio padrão de amostra do grupo de controle.

Tabela 23- Estatística de grupo para ter filhos da relação atual

Group Statistics

	Tem filhos dessa relação?	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
Escala MOFS	Não	218	3,2761	,63607	,04308
	Sim	64	3,3750	,79383	,09923
Satisfação	Não	182	3,9969	,80504	,05967
	Sim	57	3,8371	,74936	,09926
Distorção	Não	190	3,5095	,94046	,06823
	Sim	55	3,4509	,96472	,13008
EMS	Não	159	3,8585	,84318	,06687
	Sim	49	3,7007	,79001	,11286
Evitação/Ressentimento	Não	218	2,8081	1,00038	,06775
	Sim	64	3,1406	1,07078	,13385
Benevolência	Não	218	3,9782	1,13685	,07700
	Sim	64	3,7266	1,24461	,15558

Tabela 24- Teste t student para ter filhos da relação atual

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
						Significance				95% Confidence Interval of the Difference
		F	Sig.	t	df	One-Sided p	Two-Sided p	Mean Difference	Std. Error Difference	Lower	Upper
Escala MOFS	Equal variances assumed	2,913	,089	-1,030	280	,152	,304	-,09885	,09593	-,28770	,08999
	Equal variances not assumed			-,914	88,080	,182	,363	-,09885	,10818	-,31383	,11612
Satisfação	Equal variances assumed	,064	,801	1,329	237	,093	,185	,15977	,12025	-,07713	,39666
	Equal variances not assumed			1,380	99,767	,085	,171	,15977	,11581	-,07001	,38954
Distorção	Equal variances assumed	,069	,793	,404	243	,343	,686	,05856	,14483	-,22673	,34386
	Equal variances not assumed			,399	85,938	,346	,691	,05856	,14689	-,23345	,35058
EMS	Equal variances assumed	,202	,653	1,162	206	,123	,247	,15781	,13580	-,10992	,42554
	Equal variances not assumed			1,203	84,455	,116	,232	,15781	,13118	-,10304	,41866
Evitação/Ressentimento	Equal variances assumed	,220	,640	-2,301	280	,011	,022	-,33252	,14454	-,61704	-,04800
	Equal variances not assumed			-2,217	97,564	,014	,029	-,33252	,15002	-,63025	-,03479
Benevolência	Equal variances assumed	1,624	,204	1,523	280	,064	,129	,25165	,16520	-,07354	,57683
	Equal variances not assumed			1,450	95,971	,075	,150	,25165	,17359	-,09292	,59622

Tabela 25- Tamanhos de efeitos de amostras independentes para ter filhos da relação atual

Independent Samples Effect Sizes

				95% Confidence Interval	
		Standardizer[a]	Point Estimate	Lower	Upper
Escala MOFS	Cohen's d	,67479	-,146	-,425	,133
	Hedges' correction	,67661	-,146	-,424	,132
	Glass's delta	,79383	-,125	-,404	,155
Satisfação	Cohen's d	,79224	,202	-,097	,499
	Hedges' correction	,79476	,201	-,096	,498
	Glass's delta	,74936	,213	-,088	,512
Distorção	Cohen's d	,94590	,062	-,238	,362
	Hedges' correction	,94884	,062	-,238	,361
	Glass's delta	,96472	,061	-,240	,361
EMS	Cohen's d	,83109	,190	-,131	,510
	Hedges' correction	,83413	,189	-,131	,509
	Glass's delta	,79001	,200	-,124	,521
Evitação/Ressentimento	Cohen's d	1,01665	-,327	-,607	-,047
	Hedges' correction	1,01938	-,326	-,605	-,047
	Glass's delta	1,07078	-,311	-,593	-,025
Benevolência	Cohen's d	1,16197	,217	-,063	,496
	Hedges' correction	1,16509	,216	-,063	,494
	Glass's delta	1,24461	,202	-,079	,482

a. The denominator used in estimating the effect sizes.

Cohen's d uses the pooled standard deviation.

Hedges' correction uses the pooled standard deviation, plus a correction factor.

Glass's delta uses the sample standard deviation of the control group.

Tabela 26- Estatística de grupo teve alguma relação anterior

Group Statistics

	Teve alguma relação amorosa anterior à atual?	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
Escala MOFS	Não	54	3,2352	,65334	,08891
	Sim	228	3,3136	,68040	,04506
Satisfação	Não	48	4,0804	,66283	,09567
	Sim	191	3,9282	,82181	,05946
Distorção	Não	49	3,7347	,95863	,13695
	Sim	196	3,4367	,93363	,06669
EMS	Não	43	4,0329	,71965	,10975
	Sim	165	3,7662	,85197	,06633
Evitação/Ressentimento	Não	54	2,7932	1,06001	,14425
	Sim	228	2,9050	1,01698	,06735
Benevolência	Não	54	3,8981	1,21849	,16582
	Sim	228	3,9265	1,15430	,07645

Tabela 27- Teste t student para teve alguma relação anterior

Independent Samples Test

		Levene's Test for Equality of Variances		t-test for Equality of Means						
						Significance				95% Confidence Interval of the Difference
		F	Sig.	t	df	One-Sided p	Two-Sided p	Mean Difference	Std. Error Difference	Lower	Upper
Escala MOFS	Equal variances assumed	,880	,349	-,767	280	,222	,444	-,07841	,10221	-,27961	,12279
	Equal variances not assumed			-,787	82,455	,217	,434	-,07841	,09968	-,27668	,11986
Satisfação	Equal variances assumed	4,370	,038	1,189	237	,118	,236	,15216	,12801	-,10002	,40434
	Equal variances not assumed			1,351	87,112	,090	,180	,15216	,11265	-,07173	,37605
Distorção	Equal variances assumed	,176	,676	1,988	243	,024	,048	,29796	,14992	,00266	,59326
	Equal variances not assumed			1,956	72,461	,027	,054	,29796	,15232	-,00566	,60157
EMS	Equal variances assumed	4,489	,035	1,885	206	,030	,061	,26678	,14155	-,01229	,54586
	Equal variances not assumed			2,080	75,698	,020	,041	,26678	,12823	,01137	,52220
Evitação/Ressentimento	Equal variances assumed	,005	,941	-,720	280	,236	,472	-,11176	,15517	-,41720	,19368
	Equal variances not assumed			-,702	77,764	,242	,485	-,11176	,15920	-,42871	,20519
Benevolência	Equal variances assumed	,284	,595	-,161	280	,436	,872	-,02839	,17657	-,37597	,31919
	Equal variances not assumed			-,155	77,111	,438	,877	-,02839	,18259	-,39196	,33519

Tabela 28- Tamanhos de efeitos de amostras independentes para teve alguma relação anterior

Independent Samples Effect Sizes

		Standardizer[a]	Point Estimate	95% Confidence Interval	
				Lower	Upper
Escala MOFS	Cohen's d	,67536	-,116	-,413	,181
	Hedges' correction	,67718	-,116	-,412	,180
	Glass's delta	,68040	-,115	-,412	,182
Satisfação	Cohen's d	,79282	,192	-,125	,509
	Hedges' correction	,79534	,191	-,125	,507
	Glass's delta	,82181	,185	-,132	,502
Distorção	Cohen's d	,93862	,317	,003	,631
	Hedges' correction	,94153	,316	,003	,629
	Glass's delta	,93363	,319	,004	,633
EMS	Cohen's d	,82671	,323	-,015	,659
	Hedges' correction	,82974	,322	-,015	,657
	Glass's delta	,85197	,313	-,025	,650
Evitação/Ressentimento	Cohen's d	1,02526	-,109	-,406	,188
	Hedges' correction	1,02802	-,109	-,405	,187
	Glass's delta	1,01698	-,110	-,407	,187
Benevolência	Cohen's d	1,16672	-,024	-,321	,272
	Hedges' correction	1,16986	-,024	-,320	,272
	Glass's delta	1,15430	-,025	-,321	,272

[a]. The denominator used in estimating the effect sizes.

Cohen's d uses the pooled standard deviation.

Hedges' correction uses the pooled standard deviation, plus a correction factor.

Glass's delta uses the sample standard deviation of the control group.

Tabela 29- Estatísticas de grupo para ter filhos de relação anterior

Estatísticas de grupo

	Tem filhos dessa relação?	N	Média	Erro Desvio	Erro padrão da média
Evitação/Ressentimento	Não	218	2,8081	1,00038	,06775
	Sim	64	3,1406	1,07078	,13385
Benevolência	Não	218	3,9782	1,13685	,07700
	Sim	64	3,7266	1,24461	,15558
Escala MOFS	Não	218	3,2761	,63607	,04308
	Sim	64	3,3750	,79383	,09923
Satisfação	Não	182	3,9969	,80504	,05967
	Sim	57	3,8371	,74936	,09926
Distorção	Não	190	3,5095	,94046	,06823
	Sim	55	3,4509	,96472	,13008
EMS	Não	159	3,8585	,84318	,06687
	Sim	49	3,7007	,79001	,11286

Tabela 30- Teste t student para ter filhos de relação anterior

Teste de amostras independentes

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		teste-t para Igualdade de Médias						
									95% Intervalo de Confiança da Diferença	
		Z	Sig	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média	Erro padrão de diferença	Inferior	Superior
Evitação/Ressentimento	Variâncias iguais assumidas	,220	,640	-2,301	280	,022	-,33252	,14454	-,61704	-,04800
	Variâncias iguais não assumidas			-2,217	97,564	,029	-,33252	,15002	-,63025	-,03479
Benevolência	Variâncias iguais assumidas	1,624	,204	1,523	280	,129	,25165	,16520	-,07354	,57683
	Variâncias iguais não assumidas			1,450	95,971	,150	,25165	,17359	-,09292	,59622
Escala MOFS	Variâncias iguais assumidas	2,913	,089	-1,030	280	,304	-,09885	,09593	-,28770	,08999
	Variâncias iguais não assumidas			-,914	88,080	,363	-,09885	,10818	-,31383	,11612
Satisfação	Variâncias iguais assumidas	,064	,801	1,329	237	,185	,15977	,12025	-,07713	,39666
	Variâncias iguais não assumidas			1,380	99,767	,171	,15977	,11581	-,07001	,38954
Distorção	Variâncias iguais assumidas	,069	,793	,404	243	,686	,05856	,14483	-,22673	,34386
	Variâncias iguais não assumidas			,399	85,938	,691	,05856	,14689	-,23345	,35058
EMS	Variâncias iguais assumidas	,202	,653	1,162	206	,247	,15781	,13580	-,10992	,42554
	Variâncias iguais não assumidas			1,203	84,455	,232	,15781	,13118	-,10304	,41866

Tabela 31- Tamanhos de efeitos de amostras independentes para ter filhos de relação anterior

Tamanhos de efeitos de amostras independentes

				Intervalo de Confiança 95%	
		Padronizador[a]	Estimativa de ponto	Inferior	Superior
Evitação/Ressentimento	d de Cohen	1,01665	-,327	-,607	-,047
	Correção de Hedges	1,01938	-,326	-,605	-,047
	Delta do vidro	1,07078	-,311	-,593	-,025
Benevolência	d de Cohen	1,16197	,217	-,063	,496
	Correção de Hedges	1,16509	,216	-,063	,494
	Delta do vidro	1,24461	,202	-,079	,482
Escala MOFS	d de Cohen	,67479	-,146	-,425	,133
	Correção de Hedges	,67661	-,146	-,424	,132
	Delta do vidro	,79383	-,125	-,404	,155
Satisfação	d de Cohen	,79224	,202	-,097	,499
	Correção de Hedges	,79476	,201	-,096	,498
	Delta do vidro	,74936	,213	-,088	,512
Distorção	d de Cohen	,94590	,062	-,238	,362
	Correção de Hedges	,94884	,062	-,238	,361
	Delta do vidro	,96472	,061	-,240	,361
EMS	d de Cohen	,83109	,190	-,131	,510
	Correção de Hedges	,83413	,189	-,131	,509
	Delta do vidro	,79001	,200	-,124	,521

[a]. O denominador usado na estimativa dos tamanhos dos efeitos.

O d de Cohen usa o desvio padrão agrupado.

A correção de Hedges usa o desvio padrão agrupado, além de um fator de correção.

O delta de Glass usa o desvio padrão de amostra do grupo de controle.

Tabela 32- Teste de homogeneidade para estado civil

Testes de homogeneidade de variâncias

		Estatística de Levene	df1	df2	Sig.
Evitação/Ressentimento	Com base em média	,840	3	278	,473
	Com base em mediana	,757	3	278	,519
	Com base em mediana e com gl ajustado	,757	3	270,992	,519
	Com base em média aparada	,806	3	278	,491
Benevolência	Com base em média	1,673	3	278	,173
	Com base em mediana	1,018	3	278	,385
	Com base em mediana e com gl ajustado	1,018	3	255,263	,385
	Com base em média aparada	1,583	3	278	,194
Escala MOFS	Com base em média	3,171	3	278	,025
	Com base em mediana	1,840	3	278	,140
	Com base em mediana e com gl ajustado	1,840	3	208,035	,141
	Com base em média aparada	3,113	3	278	,027
Satisfação	Com base em média	,930	3	235	,427
	Com base em mediana	,772	3	235	,511
	Com base em mediana e com gl ajustado	,772	3	230,685	,511
	Com base em média aparada	,912	3	235	,436
Distorção	Com base em média	,488	3	241	,691
	Com base em mediana	,452	3	241	,716
	Com base em mediana e com gl ajustado	,452	3	231,234	,716
	Com base em média aparada	,452	3	241	,716
EMS	Com base em média	,922	3	204	,431
	Com base em mediana	,874	3	204	,455
	Com base em mediana e com gl ajustado	,874	3	198,602	,455
	Com base em média aparada	,942	3	204	,421

Tabela 33- Anova para estado civil

ANOVA

		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
Evitação/Ressentimento	Entre Grupos	3,042	3	1,014	,966	,409
	Nos grupos	291,830	278	1,050		
	Total	294,872	281			
Benevolência	Entre Grupos	7,315	3	2,438	1,813	,145
	Nos grupos	373,867	278	1,345		
	Total	381,182	281			
Escala MOFS	Entre Grupos	2,147	3	,716	1,581	,194
	Nos grupos	125,832	278	,453		
	Total	127,979	281			
Satisfação	Entre Grupos	1,735	3	,578	,917	,433
	Nos grupos	148,124	235	,630		
	Total	149,859	238			
Distorção	Entre Grupos	2,534	3	,845	,947	,419
	Nos grupos	215,033	241	,892		
	Total	217,567	244			
EMS	Entre Grupos	2,879	3	,960	1,395	,245
	Nos grupos	140,341	204	,688		
	Total	143,220	207			

Tabela 34- Tamanhos do efeito da Anova para estado civil

Tamanhos do efeito do ANOVA[a,b]

		Estimativa de ponto	Intervalo de Confiança 95%	
			Inferior	Superior
Evitação/Ressentimento	Eta quadrado	,010	,000	,036
	Epsilon quadrado	,000	-,011	,025
	Efeito fixo do Omega quadrado	,000	-,011	,025
	Efeito aleatório do Omega quadrado	,000	-,004	,009
Benevolência	Eta quadrado	,019	,000	,053
	Epsilon quadrado	,009	-,011	,043
	Efeito fixo do Omega quadrado	,009	-,011	,043
	Efeito aleatório do Omega quadrado	,003	-,004	,015
Escala MOFS	Eta quadrado	,017	,000	,049
	Epsilon quadrado	,006	-,011	,038
	Efeito fixo do Omega quadrado	,006	-,011	,038
	Efeito aleatório do Omega quadrado	,002	-,004	,013
Satisfação	Eta quadrado	,012	,000	,041
	Epsilon quadrado	-,001	-,013	,028
	Efeito fixo do Omega quadrado	-,001	-,013	,028
	Efeito aleatório do Omega quadrado	,000	-,004	,010
Distorção	Eta quadrado	,012	,000	,040
	Epsilon quadrado	-,001	-,012	,028
	Efeito fixo do Omega quadrado	-,001	-,012	,028
	Efeito aleatório do Omega quadrado	,000	-,004	,010
EMS	Eta quadrado	,020	,000	,060
	Epsilon quadrado	,006	-,015	,046
	Efeito fixo do Omega quadrado	,006	-,015	,046
	Efeito aleatório do Omega quadrado	,002	-,005	,016

a. Eta quadrado e Epsilon quadrado são estimados com base no modelo de efeito fixo.

b. As estimativas negativas, mas menos tendenciosas, são mantidas, não arredondadas para zero.

Tabela 35- Teste de homogeneidade para Nível de Escolaridade

Teste de Homogeneidade de Variâncias

		Estatística de Levene	df1	df2	Sig.
Evitação/Ressentimento	Com base em média	1,029	3	277	,380
	Com base em mediana	1,024	3	277	,382
	Com base em mediana e com df ajustado	1,024	3	273,869	,382
	Com base em média aparada	1,009	3	277	,389
Benevolência	Com base em média	,852	3	277	,466
	Com base em mediana	,794	3	277	,498
	Com base em mediana e com df ajustado	,794	3	269,612	,498
	Com base em média aparada	,828	3	277	,479
Escala MOFS	Com base em média	,566	3	277	,638
	Com base em mediana	,564	3	277	,639
	Com base em mediana e com df ajustado	,564	3	255,254	,640
	Com base em média aparada	,580	3	277	,629
Satisfação	Com base em média	,287	3	234	,835
	Com base em mediana	,214	3	234	,887
	Com base em mediana e com df ajustado	,214	3	218,932	,887
	Com base em média aparada	,257	3	234	,856
Distorção	Com base em média	,669	3	240	,572
	Com base em mediana	,628	3	240	,597
	Com base em mediana e com df ajustado	,628	3	238,193	,597
	Com base em média aparada	,668	3	240	,572
EMS	Com base em média	,221	3	203	,882
	Com base em mediana	,350	3	203	,789
	Com base em mediana e com df ajustado	,350	3	197,030	,789
	Com base em média aparada	,253	3	203	,859

Tabela 36- Anova para Nível de Escolaridade

ANOVA

		Soma dos Quadrados	df	Quadrado Médio	Z	Sig.
Evitação/Ressentimento	Entre Grupos	1,015	3	,338	,321	,810
	Nos grupos	291,935	277	1,054		
	Total	292,951	280			
Benevolência	Entre Grupos	9,792	3	3,264	2,482	,061
	Nos grupos	364,230	277	1,315		
	Total	374,022	280			
Escala MOFS	Entre Grupos	3,101	3	1,034	2,361	,072
	Nos grupos	121,261	277	,438		
	Total	124,362	280			
Satisfação	Entre Grupos	1,705	3	,568	,918	,433
	Nos grupos	144,843	234	,619		
	Total	146,547	237			
Distorção	Entre Grupos	3,484	3	1,161	1,320	,269
	Nos grupos	211,193	240	,880		
	Total	214,677	243			
EMS	Entre Grupos	2,106	3	,702	1,035	,378
	Nos grupos	137,780	203	,679		
	Total	139,887	206			

Tabela 37- Tamanhos do efeito da Anova para Nível de Escolaridade

Tamanhos do efeito do ANOVA[a,b]

		Estimativa de ponto	Intervalo de Confiança 95%	
			Inferior	Superior
Evitação/Ressentimento	Eta quadrado	,010	,000	,036
	Epsilon quadrado	,000	-,011	,025
	Efeito fixo do Omega quadrado	,000	-,011	,025
	Efeito aleatório do Omega quadrado	,000	-,004	,009
Benevolência	Eta quadrado	,019	,000	,053
	Epsilon quadrado	,009	-,011	,043
	Efeito fixo do Omega quadrado	,009	-,011	,043
	Efeito aleatório do Omega quadrado	,003	-,004	,015
Escala MOFS	Eta quadrado	,017	,000	,049
	Epsilon quadrado	,006	-,011	,038
	Efeito fixo do Omega quadrado	,006	-,011	,038
	Efeito aleatório do Omega quadrado	,002	-,004	,013
Satisfação	Eta quadrado	,012	,000	,041
	Epsilon quadrado	-,001	-,013	,028
	Efeito fixo do Omega quadrado	-,001	-,013	,028
	Efeito aleatório do Omega quadrado	,000	-,004	,010
Distorção	Eta quadrado	,012	,000	,040
	Epsilon quadrado	-,001	-,012	,028
	Efeito fixo do Omega quadrado	-,001	-,012	,028
	Efeito aleatório do Omega quadrado	,000	-,004	,010
EMS	Eta quadrado	,020	,000	,060
	Epsilon quadrado	,006	-,015	,046
	Efeito fixo do Omega quadrado	,006	-,015	,046
	Efeito aleatório do Omega quadrado	,002	-,005	,016

a. Eta quadrado e Epsilon quadrado são estimados com base no modelo de efeito fixo.

b. As estimativas negativas, mas menos tendenciosas, são mantidas, não arredondadas para zero.

Tabela 38 – Correlação

Correlações

		EMS	MOFS	ER	B	Sat	Dis	Idade	Tempo de relação atual	Tempo de cohabitação
EMS	Correlação de Pearson	1	-,247**	-,494**	,279**	,965**	,945**	-,188**	-,098	-,049
	Sig. (2 extremidades)		<,001	<,001	<,001	<,001	<,001	,006	,159	,569
	N	208	208	208	208	208	208	208	207	139
MOFS	Correlação de Pearson	-,247**	1	,743**	,469**	-,243**	-,234**	,059	,140*	,092
	Sig. (2 extremidades)	<,001		<,001	<,001	<,001	<,001	,322	,019	,206
	N	208	282	282	282	239	245	282	281	189
ER	Correlação de Pearson	-,494**	,743**	1	-,243**	-,445**	-,495**	,144*	,162**	,122
	Sig. (2 extremidades)	<,001	<,001		<,001	<,001	<,001	,016	,006	,095
	N	208	282	282	282	239	245	282	281	189
B	Correlação de Pearson	,279**	,469**	-,243**	1	,230**	,305**	-,104	-,011	-,026
	Sig. (2 extremidades)	<,001	<,001	<,001		<,001	<,001	,082	,860	,722
	N	208	282	282	282	239	245	282	281	189
Sat	Correlação de Pearson	,965**	-,243**	-,445**	,230**	1	,826**	-,150*	-,112	-,072
	Sig. (2 extremidades)	<,001	<,001	<,001	<,001		<,001	,020	,086	,365
	N	208	239	239	239	239	208	239	238	161
Dis	Correlação de Pearson	,945**	-,234**	-,495**	,305**	,826**	1	-,140*	-,047	-,014
	Sig. (2 extremidades)	<,001	<,001	<,001	<,001	<,001		,029	,464	,855
	N	208	245	245	245	208	245	245	244	163
Idade	Correlação de Pearson	-,188**	,059	,144*	-,104	-,150*	-,140*	1	,775**	,846**
	Sig. (2 extremidades)	,006	,322	,016	,082	,020	,029		<,001	<,001
	N	208	282	282	282	239	245	282	281	189
Tempo na relação atual	Correlação de Pearson	-,098	,140*	,162**	-,011	-,112	-,047	,775**	1	,922**
	Sig. (2 extremidades)	,159	,019	,006	,860	,086	,464	<,001		<,001
	N	207	281	281	281	238	244	281	281	189
Tempo de cohabitação	Correlação de Pearson	-,049	,092	,122	-,026	-,072	-,014	,846**	,922**	1
	Sig. (2 extremidades)	,569	,206	,095	,722	,365	,855	<,001	<,001	
	N	139	189	189	189	161	163	189	189	189

**. A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

*. A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

3. Regressão Linear Múltipla

Tabela 39- Descritivas

Descriptive Statistics

	Mean	Std. Deviation	N
EMS	3,8321	,81903	207
Idade	30,14	7,941	207
Escala MOFS	3,2464	,70633	207
Tempo da relação atual (anos)	7,864653784219	7,440627088721	207

Tabela 40- Resumo do Modelo

Model Summary[b]

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Change Statistics					Durbin-Watson
					R Square Change	F Change	df1	df2	Sig. F Change	
1	,296[a]	,088	,074	,78796	,088	6,522	3	203	<,001	1,986

a. Predictors: (Constant), Tempo da relação atual (anos), Escala MOFS, Idade

b. Dependent Variable: EMS

Tabela 41- Anova

ANOVA[a]

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	12,148	3	4,049	6,522	<,001[b]
	Residual	126,039	203	,621		
	Total	138,187	206			

a. Dependent Variable: EMS

b. Predictors: (Constant), Tempo da relação atual (anos), Escala MOFS, Idade

Tabela- 42 Coeficiente

Coefficients[a]

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	95,0% Confidence Interval for B		Collinearity Statistics	
		B	Std. Error	Beta			Lower Bound	Upper Bound	Tolerance	VIF
1	(Constant)	5,432	,389		13,969	<,001	4,666	6,199		
	Idade	-,024	,011	-,236	-2,229	,027	-,046	-,003	,400	2,497
	Escala MOFS	-,301	,080	-,260	-3,785	<,001	-,458	-,144	,953	1,049
	Tempo da relação atual (anos)	,014	,012	,129	1,201	,231	-,009	,038	,389	2,568

a. Dependent Variable: EMS

Tabela 43- Diagnostico da Colinearidade

Collinearity Diagnostics[a]

Model	Dimension	Eigenvalue	Condition Index	Variance Proportions			
				(Constant)	Idade	Escala MOFS	Tempo da relação atual (anos)
1	1	3,606	1,000	,00	,00	,00	,01
	2	,345	3,233	,01	,00	,02	,39
	3	,038	9,787	,02	,28	,58	,14
	4	,011	17,823	,97	,71	,40	,46

a. Dependent Variable: EMS

Tabela - 44 Diagnostico de casos

Casewise Diagnostics[a]

Case Number	Std. Residual	EMS	Predicted Value	Residual
74	-3,179	1,33	3,8386	-2,50529

[a]. Dependent Variable: EMS

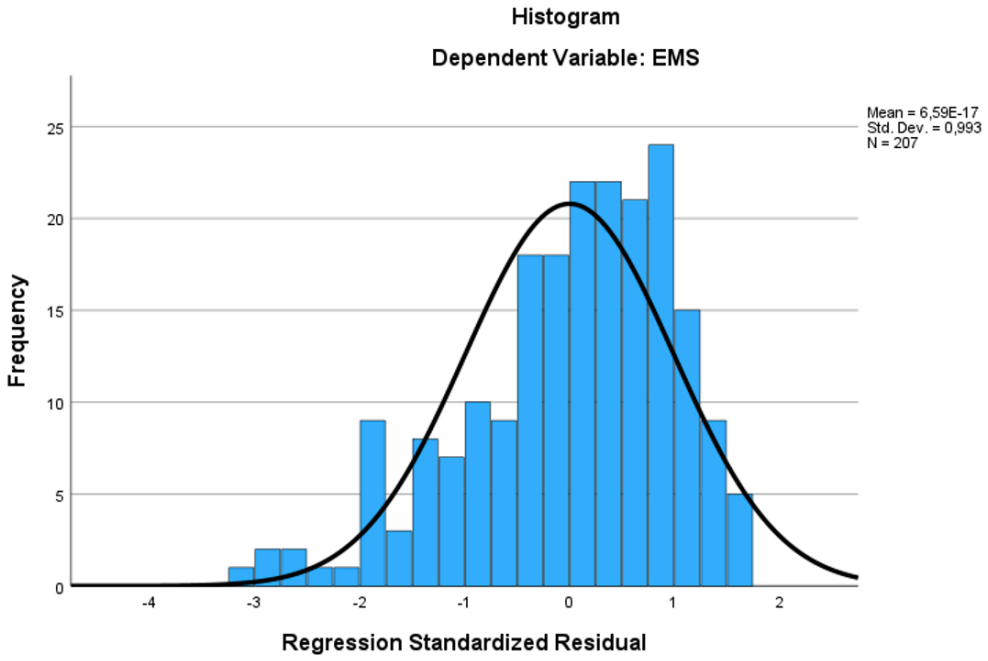
Tabela 45- Estatística residual

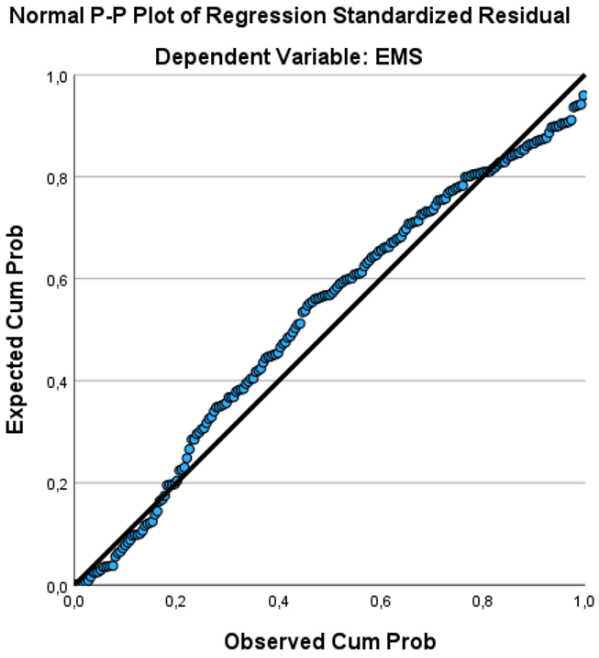
Residuals Statistics[a]

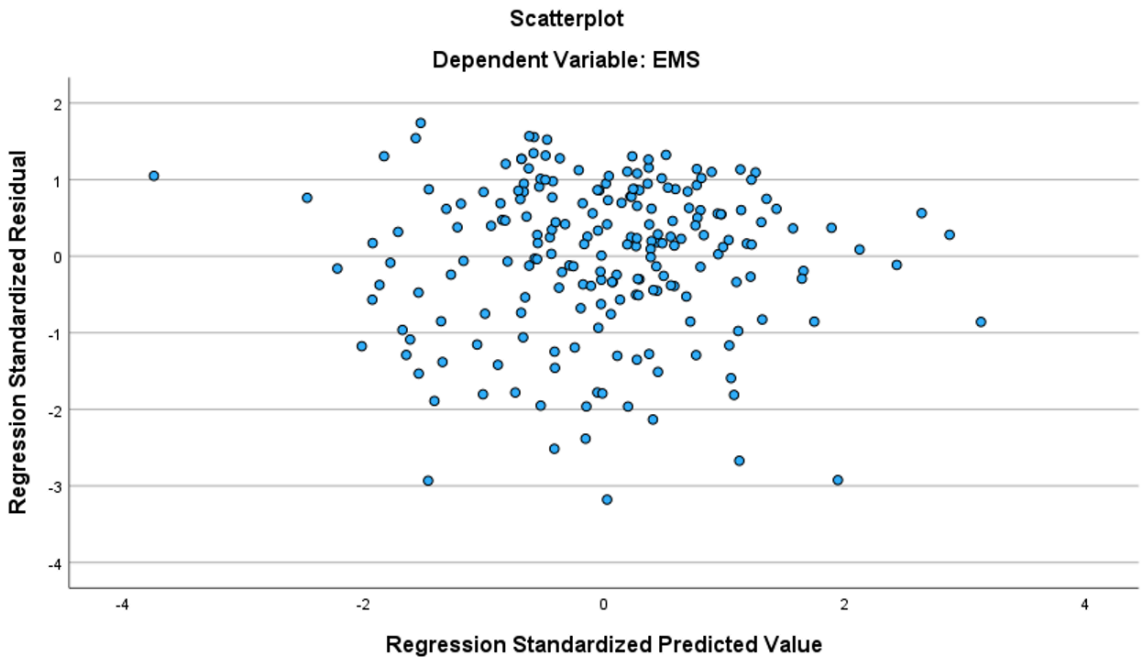
	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation	N
Predicted Value	2,9239	4,5934	3,8321	,24284	207
Residual	-2,50529	1,37092	,00000	,78220	207
Std. Predicted Value	-3,740	3,135	,000	1,000	207
Std. Residual	-3,179	1,740	,000	,993	207

[a]. Dependent Variable: EMS

Gráficos da Regressão Linear Múltipla




Normal P-P Plot of Regression Standardized Residual
Dependent Variable: EMS
Expected Cum Prob
Observed Cum Prob
0,0
0,2
0,4
0,6
0,8
1,0


Scatterplot
Dependent Variable: EMS
Regression Standardized Residual
Regression Standardized Predicted Value
2
1
0
-1
-2
-3
-4
4

Anexo 2 – Questionário sociodemográficos

Por favor, responda às seguintes questões:

1. Idade

2. Género

Feminino

Masculino

Outro

3. **Grau de escolaridade (completo)**

1o Ciclo (1o a 4o ano)

2o Ciclo (5o a 6o ano)

3o Ciclo (7o a 9o ano)

Ensino Secundário (10o a 12o ano) Licenciatura

Mestrado Doutoramento

4. **Estado civil**

Solteiro/a

União de facto

Casado/a

Divorciado/a,

Viúvo/a

5. **Está atualmente numa relação amorosa?** *(Para participar é necessário estar numa relação atualmente)

Sim

Não

6. Tempo da relação atual (anos)

7. **Coabita com o seu/sua companheiro/a ?**

Sim

Não

Se sim, há quanto tempo coabita com ele/ela? (anos)

8. Tem filhos dessa relação?

Sim

Não

9. Teve alguma relação amorosa anterior à atual?

Sim
Não (*Saltar para a pergunta 13)*

10. A sua relação amorosa anterior foi de

Namoro
União de facto

Casamento

11. Tempo da relação (anos)

12. Teve filhos dessa relação?

Sim

Não

Anexo 3- Caracterização Sociodemográfica

A caraterização sociodemográfica neste estudo foi efetuada através de um instrumento estruturado que permitiu recolher informação detalhada sobre os participantes incluindo o instrumento de caraterização sociodemográfica incluiu as seguintes variáveis:

- Género: distinguir entre participantes do género feminino e masculino.
- Idade: foi medida como uma variável contínua, permitindo avaliar a distribuição etária da amostra.
- Escolaridade: avaliar o nível de escolaridade dos participantes e incluiu categorias como 3º Ciclo, Ensino Secundário, Licenciatura, Mestrado e Doutoramento.
- Estado Civil: categorizou os participantes em estados civis como Casado, Divorciado, Solteiro e União de facto.
- Relação atual: Foi perguntado se estavam atualmente numa relação romântica, podendo responder "Sim" ou "Não".
- Duração da relação atual: Os que responderam afirmativamente à pergunta anterior forneceram informações sobre a duração da sua relação atual, em anos.
- Coabitação com o parceiro: Os que estavam atualmente numa relação responderam se coabitavam ou não com o seu parceiro, com as opções de resposta "Sim" ou "Não".
- Filhos da relação atual: Os participantes em relações atuais forneceram informações sobre se tinham filhos dessa relação, com as opções de resposta "Sim" ou "Não".
- Relacionamento anterior: Foi perguntado aos participantes se já tinham tido uma relação romântica antes da atual, com respostas "Sim" ou "Não".
- Tipo de relação anterior: Foi pedido aos participantes que tiveram uma relação anterior que especificassem o tipo de relação anterior, com opções como Casamento, Namoro e União de facto.
- Filhos da relação anterior: Os participantes que tiveram uma relação anterior forneceram informação sobre se tinham filhos dessa relação, sendo as opções de resposta "Sim" ou "Não".

Anexo 4 – Escala de Perdão a uma Ofensa-específica do seu Parceiro (EPOP)

Cada uma das seguintes afirmações descreve possíveis sentimentos, pensamentos e comportamentos que pode apresentar atualmente em resposta a uma ofensa cometida pelo seu/sua companheiro/a. Indique em que medida concorda ou discorda com cada uma das afirmações usando a escala de classificação abaixo apresentada.

	1- Discordo fortemente	2- Discordo	3- Discordo parcialmente	4- Concordo parcialmente	5- Concordo	6- Concordo fortement
Depois de o/a meu/minha companheiro/a ter aquele comportamento, eu tenho estado menos disposto a conversar com ele/ela.	○	○	○	○	○	○
Embora ele/ela me tenha magoado, eu coloquei definitivamente o que aconteceu de lado para que pudéssemos retomar o nosso relacionamento.	○	○	○	○	○	○
Depois de o/a meu/minha companheiro/a ter aquele comportamento, fico irritado/a com ele/ela com mais facilidade.	○	○	○	○	○	○
Faço com que o/a meu/minha companheiro/a se sinta culpado/a pelo que aconteceu.	○	○	○	○	○	○

Depois de o/a meu/minha companheiro/a ter aquele comportamento, eu tenho feito o meu melhor para retomar o nosso relacionamento.	⬭	⬭	⬭	⬭	⬭	⬭
Eu gostava de agir com o/ a meu/minha companheiro/a da mesma forma que ele/ela agiu comigo.	⬭	⬭	⬭	⬭	⬭	⬭
Por causa do que aconteceu, considero difícil ser amoroso/a com ele/ela.	⬭	⬭	⬭	⬭	⬭	⬭
Ainda guardo algum rancor contra o/ a meu/minha companheiro/a por causa do que ele/ela me fez.	⬭	⬭	⬭	⬭	⬭	⬭
Eu, perdoei o/ a meu/minha companheiro/a completamente.	⬭	⬭	⬭	⬭	⬭	⬭
Eu, perdoei o/ a meu/minha companheiro/a, rapidamente.	⬭	⬭	⬭	⬭	⬭	⬭

Anexo 5 – Escala Satisfação Marital ENRICH (EMS)

As frases que se seguem descrevem a relação que você e o seu/sua companheiro/a mantêm. Se não encontrar uma resposta que reflita totalmente vossa relação, assinale a opção que se aproxima mais do que você pensa. A sua resposta deve basear-se na primeira impressão.

	1- Totalmente em desacordo	2- Em desacordo	3- Não tenho a certeza	4- De acordo	5- Totalmente de acordo
O/A meu/minha companheiro/a e eu compreendemo-nos perfeitamente	◯	◯	◯	◯	◯
Não gosto das características de personalidade nem dos hábitos do/ da meu/minha companheiro/a	◯	◯	◯	◯	◯
Estou muito contente como organizamos no nosso casamento questões como as decisões económicas familiares, as tarefas domésticas, a educação dos filhos	◯	◯	◯	◯	◯
O/A meu/minha companheiro/a compreende totalmente o meu estado de ânimo quotidiano	◯	◯	◯	◯	◯
Não estou satisfeito/a com a nossa comunicação e sinto que o/ a meu/minha companheiro/a não me compreende	◯	◯	◯	◯	◯
A nossa relação é perfeita	◯	◯	◯	◯	◯
Estou muito satisfeito/a com a nossa forma de tomar decisões e resolver problemas	◯	◯	◯	◯	◯
Estou descontente com a nossa situação financeira e com a forma como tomamos decisões sobre esse tema	◯	◯	◯	◯	◯
Tenho algumas					

necessidades que não são satisfeitas na nossa relação					
Estou muito satisfeito/a como organizamos o tempo que passamos juntos e com as nossas atividades de ócio/lazer					
Estou muito satisfeito/a com a nossa forma de expressarmos afeto e com as nossas relações sexuais					

*

Marcar apenas uma oval por linha.

	1- Totalmente em desacordo	2- Em desacordo	3- Não tenho a certeza	4- De acordo	5- Totalmente de acordo	6- Não se aplica
Não estou satisfeito/a com a maneira como nos encarregamos das nossas responsabilidades como pais.						